



**A ILUSÃO DO
PLIM - PLIM**

EDITORA ATO ANO II - Nº 8
SETEMBRO - OUTUBRO 1982 CRS 220,00

oto



PDS

PMDB



QUEM TEM A CHAVE?

*Um dia, quando você
também fizer parte do futuro,
verá o quanto é importante
uma formação bem orientada,
concluída com consciência.
Só então estará convicto de que
escolheu o melhor caminho.*

*Colégio São Marcos.
Uma expressão nítida
de tranquilidade e segurança.*



Abertura

Mais uma vez **ATO** reserva sua reportagem de capa para falar das eleições do próximo mês, quando serão eleitos o prefeito da cidade e os vereadores que irão governá-la nos próximos seis anos. Durante duas semanas, foram acompanhadas as principais personagens desse às vezes extravagante e alucinado circo eleitoral, numa maratona que incluiu desde a pichação de muros e colocação de cartazes até as estratégias, táticas e sonhos dos candidatos – todos, sem exceção, dizendo-se já vitoriosos e justificando o êxito com os mais variados raciocínios.

Não é difícil, porém, chegar-se perto do provável vencedor dessas eleições, as primeiras do pluripartidarismo, mas que deverão eleger mesmo para a maioria dos cargos os candidatos de **PMDB** e **PDS** – este tradicionalmente forte e responsável pelos últimos três prefeitos da cidade. São, portanto, 16 anos no poder. Assim, depois de ter apresentado aos seus leitores não só os planos de governo e as idéias dos candidatos a todos os postos, mas também o que pensa a população, trabalho mostrado em edição especial, **ATO** registra agora os bastidores da campanha na antevéspera das eleições, que, de certa forma, serão uma espécie de maioria para esta



revista, surpreendida, nos últimos meses, pelo grande, expressivo número de cumprimentos e elogios recebidos por sua isenção e democrática abertura dos candidatos – o que, de resto, se constitui mera obrigação jornalística.

Neste número, **ATO** mostra também numa de suas reportagens especiais o mundo paralelo de ilusões que gravita em torno da Hollywood brasileira, a Rede Globo de Televisão. Apresenta, ainda, um retrato de Acre e Rondônia, os dois Estados brasileiros que passam por profunda – e inquietante – colonização. Além da eleição a nível municipal, há análise sobre o 15 de novembro no Brasil, e, inaugurando nova seção, José Elias Habice Filho, em **Opinião**, diz como a Justiça Eleitoral de Mogi das Cruzes encara o pleito, suas dificuldades e problemas. Finalmente, a alegre e divertida praça dos aposentados mogianos, onde se fala muito de ontem e – principalmente – dos que não estão presentes.

F.L.

BRASIL

Governo e oposição numa disputa ferrenha, com muitas acusações e retaliações. São as eleições de 15 de novembro em todo o Brasil.
(Página 5)

MULHER

No I Festival das Mulheres nas Artes houve muitos temas polêmicos. Mas repercussão mesmo teve o jogo de futebol entre as cariocas e as paulistas.
(Página 47)



Surpresa: é possível um atendimento médico sem filas.
(Página 23)



Você toma o uísque com muito gosto, sem saber que é falso.
(Página 36)



PÁG.
21

Uma denúncia: o PT negou legenda para o candidato. Motivo: ele é homossexual.



“Zé Macarrão” e seu curioso, diferente estilo de vida.
(Página 31)



O grande favorito, agora mero cabo eleitoral.
(Página 8)

E

Artes e Espetáculos	43 a 46
Caldeirão	28 e 29
Carlos Soh	48 e 49
Cartas	4
Gente	34 e 35
Opinião	50
Painel	30
Ponto Crítico	6

DOS LEITORES

revista
ato



Isenção

Quero agradecer a magnífica reportagem a respeito dos candidatos à Prefeitura Municipal e à Câmara de Vereadores publicada em **ATO** de setembro. O descortino e a isenção demonstrados evidenciam o alto espírito jornalístico que norteia esta prestigiosa revista,

digna de todos os elogios.

*Antônio Carlos Machado Teixeira
Candidato a prefeito pelo PMDB*

Tumor maligno

A cada número que leio e releio verifico estar **ATO** sempre mais consubstanciada e integrada nas fontes de informações honestas e puras, sobretudo na procura da verdade. Quero também deixar consignada minha grande admiração pelo firme, ponderado e polido estilo redacional do jornalista Darwin Valente. Em um de seus trabalhos (**ATO** número 6), ele faz análise admirável dos futuros candidatos a pre-

feito. Quando trata das "Águas Turvas" do PTB, refere-se ao "doutor Francisco Alves de Lima", que o partido e a cidade permitiram que saísse candidato a prefeito. Basta ler a referida reportagem para que todos tenhamos certeza de que se trata de um "tumor maligno" à sociedade.

*Lúcio de Mello
Adv. OAB (SP) 25233*

Coleção

Quero apresentar meus cumprimentos para **ATO**, esta revista que está encurtando as distâncias pela sua beleza e boa estrutura. Faço coleção dos números e não vou parar mais, pois agora estou confiante de que ela irá muito, mas muito longe levando o nome desta querida cidade.

*Joel Amato
Mogi das Cruzes - SP*

*Cartas para ATO, rua
Senador Dantas, 326, Mogi das
Cruzes. CEP 08700 - SP.*

Diretor

Márcio de Paula

Editor Responsável

Fernando Leal

Diretor Administrativo

Benedito Wilson de Freitas

Editor Gráfico

Carlos Soh

Produção

Marina de Siqueira e Aranha

Nelson Antônio Alessi

Publicidade

Hélvio Magalhães Alcoba Júnior

Eleny Nicolini

Colaboradores

Carlos Chagas e Rosângela Bittar (Brasília), Roberto Godoy e Wilson Marini (Campinas), José Carlos Santana (Londres), Freitas Neto (Maceió), Beth Costa, Darwin Valente, Edna Fonseca, EME, Fátima Fonseca, Geraldo Rodrigues, Henrique Fernandes, José Tadeu, Kiko de Paula, Lenilde Pacheco, Marcos de Oliveira Lima, Mirna Monteiro, Pedro Cipolla Filho, Vanice Assaz e Vera Lúcia Barba (Mogi das Cruzes), Ozair Vasconcelos (Natal), José Roberto de Alencar e Suely Caldas (Rio de Janeiro), Antônio Augusto de Toledo Neto e Flávio Nery (São José dos Campos), Adones de Oliveira, Benedito Salgado, Berenice Guimarães, Carlos Soh, Clóvis Garcia, Efigênia Menna Barreto, Floreal Rodrigues Rosa, Francisco Augusti, Ilka Marinho Zanotto, João Pires, José Fernando Lefcadito Álvares, Leonor Amarante, Luciano Dias Pires Filho, Luís Fernando Emediato, Maria Inês de Camargo, Nicolielo, Renato Lombardi, Rubens Ewald Filho, Vital Bataglia e Zuza Homem de Mello (São Paulo).

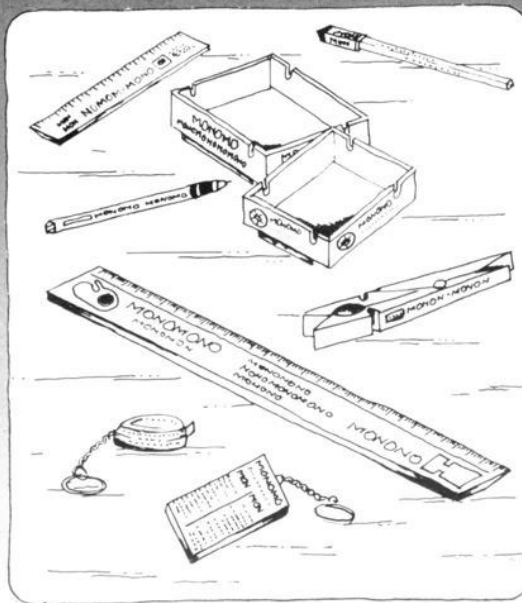
ATO é uma publicação bimestral da Ato Editora e Publicidade Ltda., Av. Nazaré, 1.054, telefones: 215-8115/274-5711, CGC 462494339/0001-53, São Paulo, Capital. Redação, publicidade e correspondência, Praça João Pessoa, 38, 2.º andar, Mogi das Cruzes, telefone: 469-0502, SP. Registrada na Divisão de Censura do DPF sob número 2.305 - P. 209/73. **ATO** é distribuída por mala direta e também vendida em banca. Circulação: Mogi das Cruzes e região. Tiragem desta edição: 15 mil exemplares. Composição: Takano Artes Gráficas Ltda., Fotolito e Impressão: Ato Editora e Publicidade Ltda.



BRINDES PROMOCIONAIS

A MAIS COMPLETA E DIVERSIFICADA LINHA EM BRINDES.

- Adesivos em vários tipos
- Agendas simples e executiva
- Bonés
- Camisetas
- Chaveiros em metal
- Cinzeiros de vários tipos
- Crachás
- Etiquetas
- Folhinhas
- Guias telefônicos
- Chaveiros em acrílico



**Rua Brás, Cubas, 104 - Conjs. 110/111
Fone (011) 469-9588 - Mogi das Cruzes - SP.**

A prova dos nove

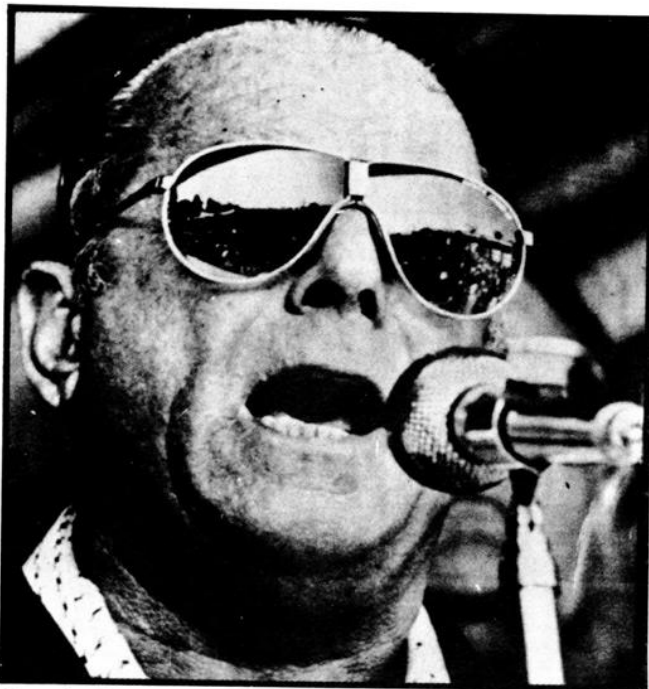
Governo e oposição garantem que ganham, cada um apoiado em seus cálculos que, evidentemente, não primam pela imparcialidade. Mas o importante é que, agressões à parte, o País vive novamente o festivo clima de eleições, após 17 anos.

Feia, a batalha está sendo, ainda que também meio carnavalesca, apesar de petardos cruzarem o ar, ao invés de confetes. Fala-se das eleições de 15 de novembro e de suas preliminares, para chegar-se à tentativa de suas previsões. De início, haverá que reconhecer: pela primeira vez, desde 1965, assiste-se a eleições diretas de governador. E livres, mesmo empacotadas, pois os atos institucionais foram revogados.

Governo e oposições, como não poderia deixar de ser, entregam-se à disputa ferrenha. Acusam-se e se retaliam, às vezes exagerando nas cargas e descargas. É normal. Não seria com pétalas de rosa que os partidos chegariam à vitória.

O presidente João Figueiredo, justa se lhe faça, responsável pelo evento, transformou-se no cabo eleitoral n.º 1 do PDS. Talvez pela patente, usa o próprio, isto é, o cabo, para bater na cabeça de seus adversários. Se estivessemos falando de vassouras, é certo que se exa. gostaria mais de utilizar o outro lado, o feixe, para varrer os opositoristas, mas, como isso é impossível, fica mesmo na primeira hipótese. Não poupa golpes, diatribes e palavras virulentas. Envereda de vez em quando pela ironia, mas pretende, no final, dar ao eleitorado a impressão de que seus "inimigos" exprimiriam a porta para o caos, se majoritariamente eleitos. As mãos estendidas continuam fazendo parte de seus discursos, em todo o território nacional, mas, na verdade, são agora mãos fechadas, e golpeando.

Não faz nada além do que fazem as oposições, diga-se de passagem, pois elas pagam na mesma moeda. Acusam, verberam, criticam e tentam apresentar o governo como o maior bando de incompetentes jamais guindado à direção do poder. Se chove, a culpa é



Figueiredo, tentando varrer o favoritismo da oposição.

do Palácio do Planalto, mas, se a tempestade cai, do mesmo modo.

Por falta de prática, e por conta dos 18 anos de exceção e arbítrio vividos no País, muita gente se assusta. Uns de forma canhestra, como a dizer que melhor seria continuarmos como vínhamos, isto é, com farsas e arremedos eleitorais, opção para eles melhor do que a batalha em curso, pois assim ficariam onde estão. Outros, por ingenuidade, mas a maioria porque nunca viu ou já se esqueceu de eleições. Examinadas as coisas com um mínimo de isenção, no entanto, a conclusão será positiva: democracia é isso. Paixão, emoção, garras, injustiças e até certos pecados — tudo se justifica. Claro que, nesse último caso, só os veniais. Para os mortais, deveria continuar valendo o inferno.

Assistimos a um espetáculo democrático, apesar de tudo. Pacotes e pacotinhos à parte, Lei Falcão, vinculação total de votos, proibição de coligações partidárias e sucedâneos podem ser execráveis, mas não conseguiram, felizmente, empanar o quadro. É eleição mesmo o que acabou acontecendo? Quem sabe, até por acaso.

Saber quem vencerá, em meio ao tumulto,

assemelha-se a missão impossível. Aqui e ali exceções confirmam a regra, ou seja, a vitória de Franco Montoro, em São Paulo, surge tão cristalina quanto a de Espiridião Amin, em Santa Catarina, só para ficarmos em dois exemplos contrários, um do PMDB, outro do PDS. Mas prever que a legenda oficial fará 16 governadores, como diz o governo, ou que seus maiores adversários elegerão 14 chefes de Executivo estaduais, como dizem os adeptos de Ulysses Guimarães, nem pensar. Trata-se de manobra eleitoral o "já ganhou" de ambas as partes. Tentativas de induzir os indecisos, euforia tão necessária à luta como combustível para movimentar caminhões. Na verdade, ninguém sabe. Fossem seguidas à risca as previsões e em vez de 22 Estados, onde a disputa se irá ferir, precisaríamos dividir o Brasil no mínimo em 30 (16 do PDS mais 14 do PMDB).

A tendência do eleitorado só se descobre uma vez abertas as urnas, apesar de, hoje, por força de mil e uma circunstâncias, parecer clara a tendência da sociedade pelas oposições, ou contra o governo. Aqui as coisas emperram, dando nó na cabeça dos cientistas políticos, mas são claras para quem não se mete a tanto e se dedica à simples análise dos fatos: uma coisa é o sentimento nacional, outra o sentimento do eleitorado. Aquele sedimenta-se ao longo dos anos, fruto de erros e de acertos, sofrimentos e refrigérios. Este se verifica em espaço de tempo limitado e navega ao sabor de simpatias e antipatias de momento.

Apesar dessas ressalvas, e sem fazermos caso das prévias e pesquisas encomendadas e barganhadas com polpudos recibos, uma ponta do véu poderemos levantar. Estados existem onde os candidatos da oposição deverão vencer, digam o que disserem os cabos eleitorais do governo. São Paulo, de que já falamos, Paraná, Rio de Janeiro, Goiás, Minas Gerais, Pernambuco, Amazonas e Acre. Mas existem Estados onde os candidatos do governo parecem eleitos, como Santa Catarina, Bahia, Sergipe, Alagoas, Mato Grosso, Maranhão, Piauí e Ceará. Se o leitor fizer a conta, são oito de um lado e oito de outro. O restante decidirá a parada, isto é, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Norte, Espírito Santo, Pará, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Carlos Chagas, de Brasília

PONTO CRÍTICO

● O Congresso discute a regulamentação do lobby. O lobista poderá, regulamentado, trabalhar às claras, junto a congressistas, para a aprovação ou a rejeição de leis que interessem ou contrariem a empresa ou o setor empresarial que paga seu salário. O lobby se concentrará no Congresso e deixará a imprensa em paz. Melhor do que hoje, quando empresas influenciam jornalistas, em geral ingênuos, e conseguem ter o nome no jornal. As vezes, a empresa é citada como parceira de uma Vale do Rio Doce ou de uma Petrobrás em determinado negócio. De posse do exemplar do jornal, fica fácil para ela conseguir negócios em outros países latino-americanos, "mostrando" ser firma séria e importante. Se não fosse, não seria parceira de uma Petrobrás. Evidentemente, ela apenas exibirá, lá fora, a matéria enganosa. O desmentido que costuma sair no jornal do dia seguinte, esse não.



● Em 83, somados, os quatro partidos de oposição serão maioria na Câmara. Pelos cálculos oficiais, o PDS chegará a um máximo de 220 deputados sobre o total de 479. Assim, PMDB, PT, PTB e PDT teriam 259 e a maioria, caso não joguem fora – por falta de inteligência ou radicalismo – esta primeira oportunidade de indicar toda a mesa diretora. Desde quando Castello Branco indicou Bilac Pinto (foto), o partido do governo fez todos os presidentes da Câmara: José Bonifácio, Batista Ramos, Geraldo Freire, Pereira Lopes, Célio Borja, Flávio Marcílio (duas vezes) e Néelson Marchezan.



● Há pouco tempo, durante um comício, o deputado federal Sérgio Cardoso de Almeida criticou, falando para uma platéia de lavradores, projeto de lei tramitando no Congresso que proíbe, em certas regiões, a queima de canaviais para corte, técnica utilizada na maior parte dos países. Aprovado o projeto, de autoria de um deputado do PMDB, o corte e a colheita da cana seriam a seco, com grandes prejuízos para o trabalhador rural, com todo o mato e a palha de cana atrapalhando. Muito aplaudido, Cardoso de Almeida foi, a certa altura, aparteado por um peão: "E tem mais, doutor. Outro dia vi 17 cascavéis queimadas. Sem o fogo, pelo menos uma delas teria me picado". Hoje, começa seus comícios assim: "Vocês querem cascavel? É só votar no PMDB". E repete a história.

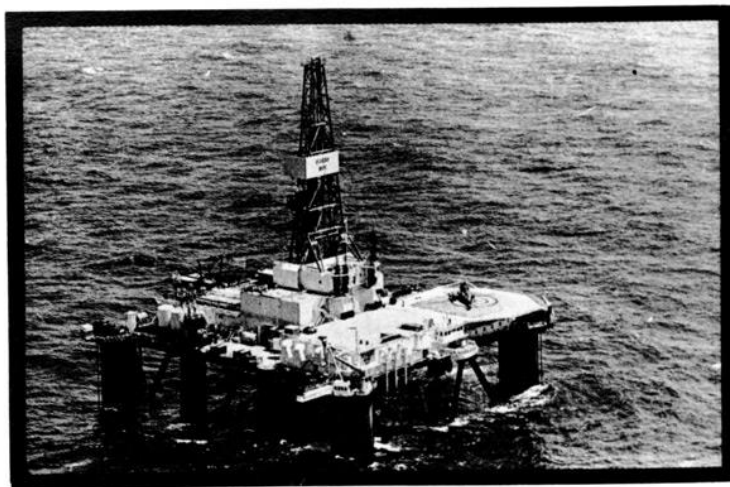
A Petrobrás começou o ano embalada. Pretendia superar a barreira dos 270 mil barris de tiragem diária já em abril, no máximo em maio. Em dezembro do ano passado, tinha derrubado a dos 230 mil. Em janeiro deixou para trás a marca dos 240 mil.

Em fevereiro, caiu a dos 250 mil e, em março, a dos 260 mil. Em abril, beirou a meta: 268,5 mil. Depois, ficou oscilando entre 262 mil e 269 mil. Parece que tem uma bruxa solta na bacia de Campos, e toda vez que a Petrobrás pega embalo para saltar a casa dos 270 mil ela a faz tropeçar. Nem em setembro a produção média diária chegará a 270 mil barris. Se passar em outubro, já estará ótimo.

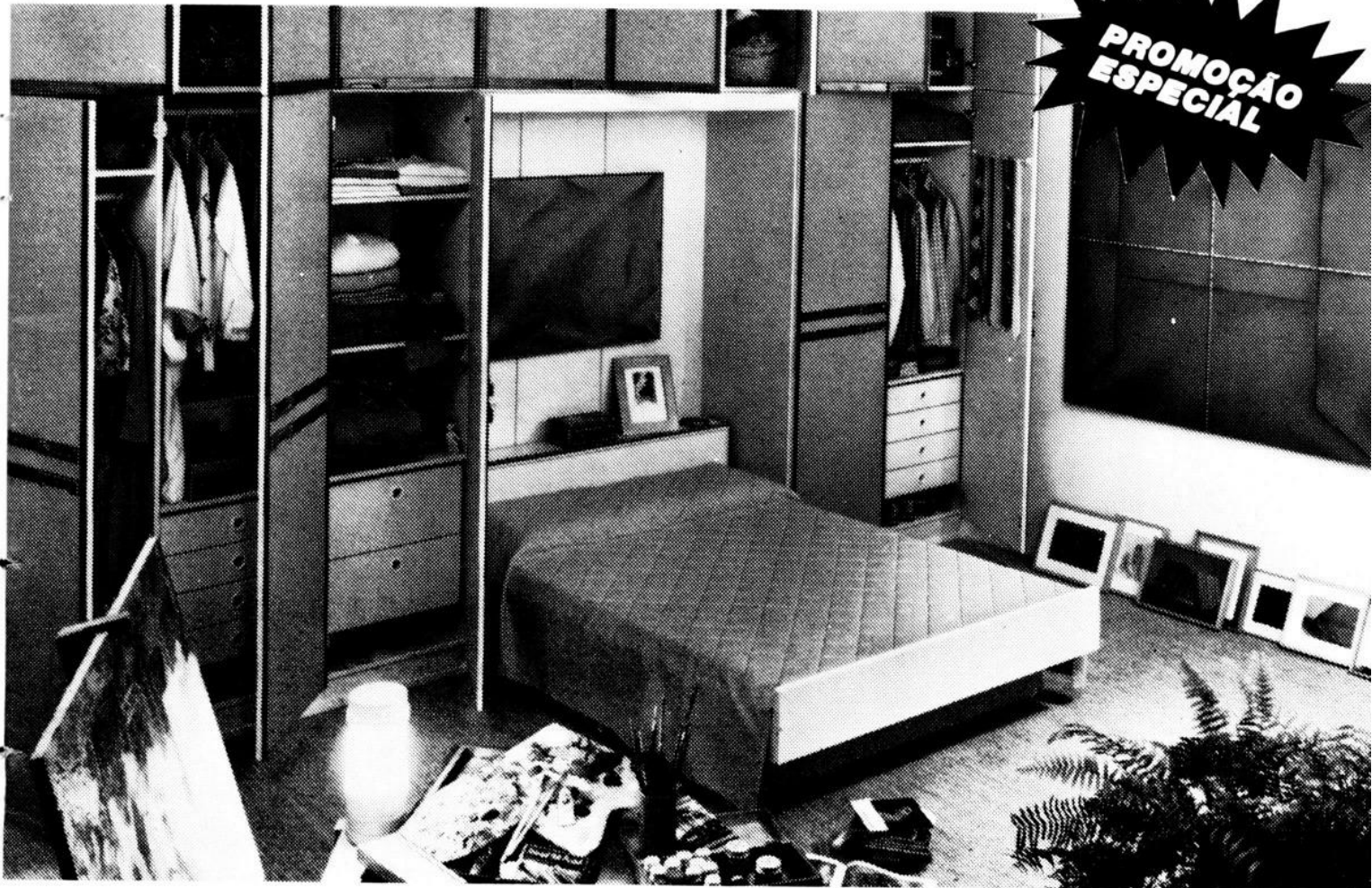


Paulo Nogueira Baptista

● O professor Hervásio de Carvalho foi substituído, em setembro, na presidência da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN) por Rex Nazaré. A CNEN é quem fiscaliza a instalação de usinas nucleares no Brasil. E era implicante mesmo: se determinada obra não estivesse como manda o figurino, ela não aprovava. Por isso, Paulo Nogueira Baptista, presidente da Nuclebrás, deve ter ficado muito contente com a queda do professor. Mas Baptista não festejou exatamente uma vitória. Rex Nazaré, homem do Conselho de Segurança Nacional, poderá até tornar mais fácil ou mais rápida a licença para cada etapa. Mas faz sombra para Paulo Nogueira Baptista, que gostava de circular sozinho naquelas mesmas áreas da segurança nacional.



ARMÁRIOS EMBUTIDOS VOGUE.



**NÃO ADIANTA INVENTAR DESCULPAS.
AGORA ESTÁ MUITO FÁCIL. VENHA HOJE
MESMO ATÉ A MODULLARE E PEGUE O SEU.**

As vantagens você já conhece. Um projetista exclusivo, sem compromisso, atendimento domiciliar, entrega e montagem imediata, assistência técnica gratuita, garantia total com certificado.

E agora, nesta promoção especial, você pode financiar o seu Armário Embutido em até 24 meses. E tem mais. A Modullare tem um presente especial para você.

PRESENTE MODULLARE - PROMOÇÃO ESPECIAL

Este cupom vale
uma peça de iluminação MONTALTO
na compra de um
ARMÁRIO EMBUTIDO.



Modullare

MÓVEIS PLANEJADOS E DECORAÇÃO





Não obtendo o apoio formal do prefeito, ele tentou a renúncia, que não vingou.



Ornelas: o velho guerreiro leva a pior no último combate eleitoral.

COMPORTAMENTO

Cabo eleitoral, quem diria...

Ornelas tentou de tudo e até reeditou o símbolo eleitoral do prefeito, o sinal de positivo, que acabou nas mãos de Junji Abe, um adversário. Ficou apenas com o slogan: "Questão de bom senso".

Foi uma sucessão de equívocos, incertezas, manobras e avaliações incorretas. Por isso, Oswaldo Regino Ornelas, que saiu disparado numa cômoda – e aparentemente inatingível – *pole position*, acabou rapidamente perdendo força e potência. O lançamento de sua campanha, um rojão político que se previa só cair no início de janeiro, em plena Prefeitura, transformou-se em traque de salão no comitê do candidato Francisco Nogueira, a quem Ornelas não poupava críticas e ironias, mas que agora é o patrão político de quem entrou "quase prefeito" e saiu cabo eleitoral de luxo.

A campanha política de Ornelas nestas eleições começou muito antes de o prefeito Waldemar Costa Filho convocar a imprensa, em setembro do ano passado, para anunciar o seu lançamento, ao lado do vereador Norberto de Camargo Engelender, como ocupante da primeira sublegenda do PDS. Há alguns anos, o prefeito vinha sendo pressionado por pessoas do esquema do renunciante, que, assim, preparavam o caminho para a realização do seu grande sonho: ser prefeito de Mogi.

Indicado, Oswaldo Regino recebeu tantos elogios de Costa Filho e seu potencial eleitoral foi exaltado de tal maneira que os rivais já viam nele uma espécie de predileto. Ele próprio, contudo, parecia não avaliar corretamente o significado das palavras do prefeito, preferindo preocupar-se com a candidatura Junji Abe, que rapidamente levava para seu

lado os assessores da última campanha de Costa Filho. Era uma virada no jogo e em cima da hora, raciocinou o candidato, que detectou o mesmo "fenômeno" em setores da comunidade do partido que lhe prometeram apoio de início, mas que, na verdade, se desiludiam com a calma que Ornelas imprimia em sua campanha, época em que o prefeito ligava insistentemente para a casa de praia onde Ornelas se refugiava.

Superada a fase praiana, Ornelas reivindicou a troca de seu vice – o antigo, Engelender, aliás, já estava preocupado com a sonolência do companheiro – e o prefeito conseguiu-lhe o médico Francisco Bezerra, parente do deputado Manoel Bezerra de Mello, suposta garantia de linha de crédito capaz de sustentar os gastos da campanha e, assim, a vitória. O vice, no entanto, antecipou o apoio de Mello à nova sublegenda, e o deputado não gostou. Tanto que, depois, Mello anunciou seu apoio "indistintamente aos três candidatos".

Esgotavam-se, assim, as tentativas de fazer com que Waldemar optasse publicamente apenas por sua candidatura. E, se o eterno candidato renunciou para retornar fortalecido pelo aval do prefeito, enganou-se. A carta-renúncia entregue a Costa Filho, por exemplo, acabou mantida em sigilo, e o próprio Ornelas teve de levá-la à imprensa. O prefeito, então, nunca mais elogiou isoladamente outro candidato – e hoje, na intimidade, continua com sua preferência pelo renunciante.

ESPERANDO 30 ANOS – Lançado na política durante o período de domínio do grupo Lopes, Oswaldo Regino disputou a primeira eleição em 1951, quando se elegeu vereador pelo PTB. A turbulenta política mogiana dos anos 50 levou-o, como presidente da Câmara, ao cargo tão sonhado de prefeito, sempre que algum titular se candidatava a deputado. Em 1962, em novas eleições, Oswaldo Regino foi o segundo colocado, com 5.882 votos, perdendo para Carlos Alberto Lopes, que obteve 6.359. Outra tentativa, desta vez em 1968, resultou em nova derrota: Waldemar Costa Filho fez 14.448, e Ornelas, segundo colocado, 8.379 votos.

Não desistiu. No pleito de 72, como vice de Jacob Lopes, foi batido pela dupla Sebastião Cascardo-Plínio Boucault, ficando 5 mil votos atrás. Na eleição seguinte tentou outra forma de participação e o resultado foi um fiasco total – não conseguiu eleger vereador seu genro, Elias Abi Ghosn, que acabou ficando com a vexatória 22.ª posição e os míseros 534 votos.

Seria o fim, caso Ornelas não fosse um obcecado pelo trono de prefeito. Veio então 82. A renúncia, os episódios que a antecederam, a adesão ao esquema milionário de Francisco Nogueira – tudo isso, junto, criou o cenário para o último ato, um fim de festa inexpressivo e sem glória na cômoda posição de cabo eleitoral de luxo.

Darwin Valente



**Estas máquinas maravilhosas
têm uma coisa em comum:
comandos hidráulicos.**

**HWB
GALION**

DRESSER

Dresser Indústria e Comércio Ltda.

Divisão HWB - JEFFREY
Subsidiária de Dresser Industries Inc.

Mogi das Cruzes

Quando o Banco faz mais,

Uma coisa é óbvia. Quando um Banco trabalha de maneira descomplicada você sempre ganha rapidez, eficiência e muito mais tempo para tomar um cafezinho com o gerente.

O Banco Real é especializado em descomplicar a vida de seus clientes. A começar pela rede de agências espalhadas pelo Brasil afora: são quase 600 agências em plena atividade.

E para completar, em todas essas agências, você encontra os serviços mais descomplicados, rápidos e eficientes do país. São serviços que facilitam sua vida, quando você precisa de um dinheiro fora de hora.

No Banco Real você conta com o Realmatic - Caixa Automático - onde você pode fazer até 7 saques por dia, de Cr\$ 4.000,00 cada um. E com uma vantagem: o Cartão é devolvido na hora, após cada operação.

Sendo cliente do Banco Real você pode obter o Realmaster, uma conta especial que lhe dá a tranqüilidade de um saldo extra em sua conta-corrente, com uma exclusividade do Banco Real: você pode usá-la até 7 dias por mês, sem pagar juros. E todo bom cliente do Banco Real tem uma identificação no comércio através do Cartão Real: com um limite que vai até Cr\$ 50.000,00. Ele permite saque de cheques em todas as agências do Banco Real no Brasil, e sempre que usado no Realmatic, fica com você para ser usado novamente.

Ser cliente do Banco Real é trabalhar com um banco que facilita tudo para você.

BANCO REAL

O banco que faz mais por seus clientes.



Rondônia preferiu os migrantes, mas os chamou muito cedo; o Acre, ao contrário, usou a COLONIZAÇÃO

Vizinhos diferentes

Acre e Rondônia partiram firmes para a colonização e nem sempre se preocuparam com as conseqüências

O atual surto de colonização do Acre e de Rondônia começou com a década de 70. O projeto de Rondônia era basicamente correto, mas os pequenos erros que trazia em seu bojo agigantaram-se a ponto de criar problemas hoje praticamente insolúveis. O projeto do Acre era basicamente errado, tão maluco e estapafúrdio que logo de cara faliu, parou e começou a ser substituído por outro, parecido com o rondoniense, preocupado, no entanto, em não reeditar os pequenos erros do vizinho.

Rondônia optou pelo pobre, pelo homem. Nada de cristianismo. Apenas verificou que, se dividisse seus 24 milhões de hectares entre meia dúzia de fazendeiros, jamais teria população suficiente para deixar de ser território e virar Estado. Então, cortou uns pedaços de seu mapa em fatias de 100 a 250 hectares e ofereceu essas parcelas a pequenos agricultores do Sul, que a especulação e as lavouras "de exportação" (como soja ou cana) haviam transformado em favelados, nas periferias urbanas maiores.

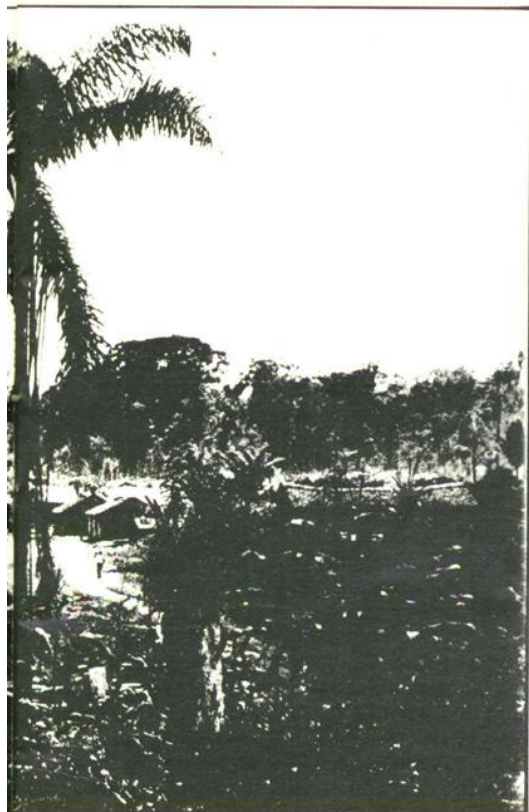
Pobre era o que não faltava no País. E pobre é um colonizador muito menos chato. Não vai ao Palácio pedir nada, chora baixo, chia

menos e, se amola, vai preso. Entra na mata como pode e deixa pelo caminho pedaços de corpo e da família - na corrente da motosserra, no dente da onça, na ponta da flexa ou na poça da malária. E só sossega quando vê a "sua" terra começar a produzir. Assim, Rondônia povoou-se e aumentou sua produção, a ponto de virar Estado em novembro último.

Segundo um levantamento feito pelo governo no início da década passada, o território tinha pouco mais de 100 mil habitantes em 1969. A terra estava dividida em pequenas posses e em seringais imensos. O governo notou que 35% da terra pertencia a minifundiários e respondia por 96% da produção. Os 65% restantes eram de grandes proprietários e só rendiam 4% da produção.

Tendo optado pelo pobre, Rondônia conseguiu povoar-se em muito pouco tempo - hoje sua população é estimada entre 650 mil e 950 mil habitantes, conforme a fonte. E multiplicou sua produção agrícola de dez a 20 vezes, conforme a cultura. Ficou com uma economia exuberante, e só nesta safra colhe 188 mil

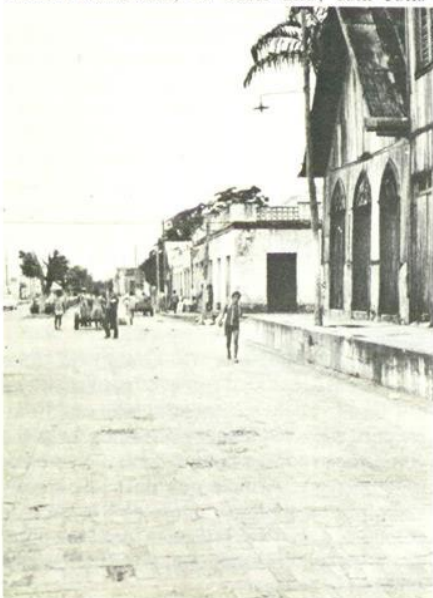




ua própria gente.

toneladas de arroz, 136 mil de milho e 815 mil sacas de 60 quilos de café beneficiado.

Para se ter uma idéia de quanto Rondônia cresceu, basta lembrar que no Acre todo só tem nove armazéns capazes de guardar um total de 22 mil toneladas, e que dificilmente se lotam. Rondônia, só neste ano, está cons-



Acre: terra boa e ruas de tijolo

ATO, SETEMBRO/OUTUBRO DE 82

truindo dez armazéns de 3 mil toneladas cada um. Serão 30 mil toneladas a mais em sua capacidade de armazenamento, que já não era pequena: compunha-se de 39 armazéns, capazes de guardar 107,8 mil toneladas e que costumam encher a ponto de obrigar a Cibrazem, dona deles, a guardar milhares de sacas de grãos do lado de fora, no tempo, cobertos com lona.

QUEIMANDO TUDO – Rondônia come-teu, porém, pelo menos um equívoco: chamou o povo antes da hora. Continuam chegando por lá, ainda hoje, de mil a 1,5 mil famílias todo mês. O governo não consegue acompanhar esse fluxo migratório. Mal acaba de desenhar um novo projeto de colonização – um pedaço de terra riscado no mapa em fatias de 100 a 250 hectares – e já recebe a notícia de que tem gente se apossando de lotes ainda não desenhados, pela mata adentro.

Quando acaba de assentar um povo aqui, descobre que já tem outro assentado por conta própria mais no fundo. Que já é preciso fazer mais estradas para buscar mais produções perdidas na mata. E que é preciso outro projeto de assentamento para aqueles novos posseiros.

Enfim, o governo de Rondônia corre atrás de seus colonos como bombeiro atrás do incêndio. E vê a situação agravar-se sem poder fazer muito. Quando dá o lote, avisa o parceleiro, o colono, que só metade pode ser desmatada. Bobagem. Ele vai plantar um pedaço do lote enquanto a terra for fértil e quando ela enfraquecer avançará em novo desmatamento, pois a gasolina da motosserra custará muito menos do que o adubo para recuperar a fertilidade do pedaço enfraquecido, que será abandonado à quicença.

Até por não saber por que brenhas se meteu o colono assentado por conta própria, o governo não tem tempo para avisá-lo de que não deve plantar em linha para evitar a erosão – e a erosão é tanta que as voçorocas já mudaram o trajeto da única rodovia de Rondônia, a BR-364, entre Pimenta Bueno e Vilhena. Nem para avisá-lo que não deve desmatar a margem de estrada – e o resultado desse desmatamento é que se perde uma enorme faixa de terra, onde a poeira da rodovia mataria qualquer plantação, que poderia ser protegida por uma cortina de árvores.

O governo não tem tempo também para avisar que não se deve tocar fogo em encostas onde não se vai plantar – e as queimadas são tantas que em agosto nem sempre os aviões de carreira conseguem aterrissar nos aeroportos da mata, escondidos na fumaça. Não avisa também que não se deve desmatar cabeceira ou margem de rio – e o colono não apenas desmata, mas ainda joga as galhadas na água, represando tudo em magníficos viveiros de anofelinos, os mosquitinhos da malária.

NATAL DE 1986 – E o colono pouco estará ligando. Vai fazer tudo errado, erodir o chão e esgotar a terra e depois, quando ela não prestar mais, estará valorizada, pois terá estrada, escola, posto de saúde e armazém por perto. O lote será vendido para um dos chegantes, e o colono primitivo partirá novamente para a

o cliente faz menos.

Realmaster

Conta especial para você comprar tudo que precisa. Usando até 7 dias por mês você não paga juros.



Cartão Real

Com ele você utiliza o Realmatic ou saca cheques em qualquer agência do Banco Real. Seguro e personalizado.



Realmatic

Um dinheiro extra no meio da noite? É só recorrer ao Caixa Automático Realmatic. Você saca até 7 vezes no mesmo dia.



BANCO REAL

O banco que faz mais por seus clientes

mata, onde comprará mais barato (ou invadirá) outro lote, pior servido de comodidades, porém virgem e fértil.

Num clima de faroeste, uma política de terra arrasada – que promete pendurar os enfeites do Natal de 1988 na última árvore de Rondônia – não desenha um futuro muito promissor para o novo Estado. Mas também ninguém liga muito. Da sua população, apenas 15% são de lá mesmo. O resto é “estrangeiro”. Até no próprio governo, a começar pelo governador, carioca, é difícil encontrar um rondoniense morando ou mandando em Rondônia.

No Acre é diferente. A população – de 300 mil a 350 mil habitantes – é de lá mesmo. O governo também. As casas têm jardins. Na frente dos prédios públicos há gramados bem cuidados. O povo é civilizado, tem história e a conhece. A história mais recente, por sinal, é contada com as mesmas palavras, tanto pelo governador escalado, Joaquim Falcão de Macedo, do PDS, quanto pelos professores neutros da Universidade do Acre ou pelos opositoristas mais presentes e conseqüentes, como João Maia, delegado da Contag – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – e candidato do PT a deputado federal.

Segundo todo mundo, a terra do Acre é muito fértil. Por lá dá abacaxi de 18 quilos, e não é por boniteza que as ruas da capital, Rio Branco, são calçadas com tijolos. É que não tem pedra, só terra boa. E se quisessem para-
lelepípedos, teriam de importar de Rondônia, do Peru ou da Bolívia.

MANCO FALIDO – Em cada seringal viam centenas de famílias de seringueiros. Toda a economia acreana era sustentada por eles. O seringalista, “dono” do seringal, os aviava: tomava dinheiro emprestado no Banco da Amazônia – então chamado Banco da Borracha, hoje somente Basa – e comprava, para seus seringueiros, o que eles precisavam para comer, vestir, trabalhar e ir vivendo. Os seringueiros colhiam e defumavam o látex, catavam castanhas e caçavam.

Entregavam a borracha, as castanhas e as peles para o seringalista, que comercializava tudo, cobrava a dívida do aviamento e lhes devolvia o troco, quando havia. Título de terra não valia nada. Havia terra titulada pelo imperador Galvez, por Plácido de Castro – dos tempos do Acre território independente e país livre –, pelos governos do Peru e da Bolívia, do Amazonas e do Mato Grosso e, se duvidasse, até pela Igreja.



Macedo: com apoio da oposição

Na Segunda Guerra Mundial, os americanos inventaram o SBR – iniciais de “estireno-butadieno-borracha”, em inglês. Era a famosa borracha sintética, tirada de um petróleo que, por custar mais barato do que água, facilmente desbancou a honesta borracha de verdade dos mercados internacionais. O Banco da Amazônia abriu mão do monopólio e deixou todo mundo comercializar com borracha natural. Na verdade, tirou o corpo.

Os seringalistas foram enterrando-se de dívidas. E a economia acreana, que se baseava só na borracha, na castanha e nas peles, cambaleou. A fiscalização do IBDF sobre as exportações de peles fez a economia do Acre mancar também da segunda perna do tripé que a sustentava. E a última perna, a castanha, sozinha, não dava camisa a ninguém. O Acre falia.



A invasão dos “paulistas”, os inimigos número 1 da região.

Na virada da década de 60 para a de 70, o então governador Wanderley Dantas teve a infeliz idéia de chamar os ricos do Sul para colonizar o território. Fez campanhas publicitárias para mostrar, no Sul, o tamanho de seus abacaxis, o levantamento do Radam que endossava a legendária fertilidade da terra (segundo ele, 13 dos 15 milhões de hectares

acreanos eram férteis) e, principalmente, para vender a idéia do “Acre, rota natural do Pacífico”.

Quando os empresários sulistas viram terra barata a apenas 800 quilômetros do porto pacífico de Calau, no Peru, logo se assanharam. De fato, saía muito mais em conta exportar mercadorias via Acre e Calau para o Pacífico do que embarcá-las nos portos atlânticos e depois dar a volta com elas pelo Canal do Panamá ou pelo estreito de Magalhães. Especialmente se as mercadorias fossem produzidas no Acre mesmo. E, se a terra era tão boa, imagine o pasto!

Lá foi o boi do Sul para o Acre – e a vaca do Acre para o brejo. Os “paulistas”, como ficaram conhecidos aqueles empresários, pagavam de Cr\$ 2,00 a Cr\$ 5,00 por hectare, e os seringalistas, pendurados no Basa, vendiam. Os “paulistas” entraram cortando o aviamento dos seringueiros, depois a floresta da qual eles tiravam seu sustento (e o do Acre) e, finalmente, começaram a tentar tirar posseiro a trator.

PARAÍSO POLÍTICO – Em Rondônia, mortes por coisas assim contam-se aos milhares. No Acre houve apenas cinco. Como governo, neutros e opositoristas contam a mesma história, sobra a impressão de que todos se uniram contra o “paulista”, quando perceberam o novo rumo das coisas. João Maia, da Contag e do PT, diz que muita desgraça foi evitada pelo atual governador, Joaquim Falcão de Macedo, “que jamais colocou política contra o povo”.

Já o governador atribuiu a relativa paz à atuação das Comunidades Eclesiais de Base, à Igreja, aos Sindicatos de Trabalhadores Rurais, à Contag e à própria oposição, “que mantém o povo unido na defesa de seus interesses”.

Explica: “Um homem solitário, quando agredido, responde violentamente. Um homem solidário, mobilizado na comunidade, tem força para conter a agressão sem violência, enquanto a Justiça decide se o trator pode seguir em frente ou se deve dar marcha à ré”.

O estrago já feito pelos “paulistas” é grande. Mas está “empacado”.

E o Acre agora começa a fazer sua colonização com os pobres. Sem repetir erros rondonienses. A mata que deve ser preservada, por exemplo, fica fora do lote de cada colono. E a assistência técnica instala-se antes da chegada do colono, que, por sinal, se está achegando devagar.

José Roberto de Alencar, do Rio



Esta é a rádio Transcontinental FM

Instalar em Mogi das Cruzes uma estação de frequência modulada que possa competir em todos os níveis com as existentes principalmente na Capital e, para isso, manter sempre viva a preocupação com o desenvolvimento de um trabalho sério e de alta qualidade. Com este objetivo foi criada a Transcontinental FM - 104.7 MHz, que, apesar de ainda não haver completado o seu primeiro ano de funcionamento, já começa a alcançar suas metas.

O estilo próprio utilizado desde a sua implantação em caráter experimental, ocorrida no período de 10 de outubro a 7 de novembro do ano passado, quando passou a funcionar definitivamente, teve excelente receptividade e por isso continuará sendo somente aperfeiçoado.

Sonho de quatro velhos amigos: Cid Luiz Jardim, Sérgio Luiz Jardim, Florêncio Paiva Neto e Waldemar Scavone, que puderam tornar realidade a criação de uma nova emissora de rádio, quando obtiveram a concessão pelo Dentel e iniciaram a implantação dos equipamentos. O projeto, a montagem e a manutenção de todo o sistema transmissor ficou a cargo de Sérgio Jardim, responsável ainda pela direção administrativa da rádio.

E, hoje, a grande audiência é atribuída aos cuidados constantes com cada detalhe que possa direta ou indiretamente influenciar na qualidade do trabalho dos profissionais integrantes do quadro de funcionários. O diretor-financeiro e admirador do rádio, Waldemar Scavone, acredita que a seriedade assumida pelos membros da equipe seja um dos fatores indispensáveis para a obtenção de bons resultados: "Aqui, temos diálogo, bom entrosamento e cada um conhece sua responsabilidade. Sem isso



seria impossível garantir bom nível para a emissora".

Falando também sobre a equipe de trabalho da Transcontinental, o antigo profissional de rádio, Cid Jardim, destaca a atenção necessária à escolha dos locutores, que "precisam ser tão bons quanto a programação". Além de atuarem em emissoras de frequência modulada, como da Fundação Padre Anchieta e da Universidade de São Paulo, Alfredo Carlos Alves, Sérgio Fajardo, Athaide Teruel, Francisco Borges, Cid Jardim e Virgínia de Moraes revezam-se nos microfones da Transcontinental, garantindo ótimo desempenho de suas funções.

DESTAQUE PARA A MPB

Substituindo Paulo Sérgio Souza, que deixou a emissora para assumir a direção artística da Manchete FM, José Reginato trabalha, agora, ao lado de Luiz Carlos Renzi e Cid Jardim na elaboração da programação diária da rádio. Eles defendem a necessidade de serem executadas, no mínimo, 80% de músicas nacionais durante o dia, porque "é preciso mudar aquilo que a maioria das estações vem fazendo. Há muito trabalho nacional deixando de ser mostrado, enquanto as músicas norte-americanas tomam conta do mercado".

O jornalismo também ocupa o seu lugar na programação: notícias objetivas vão sendo intercaladas às músicas, mantendo sempre informados os ouvintes, especialmente sobre eventos culturais.

Deixando de ser mais uma emissora destinada a uma faixa etária restrita e previamente estabelecida, a rádio Transcontinental procura cuidar ainda, com muita atenção, da elaboração dos anúncios, através da experiência de seus profissionais e da assessoria mantida por uma agência de publicidade da Capital.

O departamento comercial, dirigido por Florêncio Paiva Neto, possui uma seção de mídia pela qual passam todos os textos comerciais, que posteriormente seguem para o departamento artístico, onde são aprimorados com a supervisão de Cid Jardim. Além disso, são realizadas reuniões com os grandes e pequenos anunciantes para que possam ser feitas análises sobre a melhor forma de apresentação do produto ao público.

CAMINHO CERTO

Para Cid Jardim, os índices de audiência obtidos até agora servem para mostrar que "estamos no caminho certo", e assim as metas para o segundo ano da emissora ficam restritas ao melhoramento técnico dos equipamentos, com a substituição por aparelhos importados, nova estruturação ao jornalismo, levando mais informações aos ouvintes, e aumento de potência, que já a partir do mês de outubro levará maior nitidez a Bertioga, Vale do Paraíba e São Paulo, comprovando que sempre existe mercado para um bom produto.



REPORTAGEM DE CAPA

A guerra do papel

Mogi das Cruzes, hoje, é uma cidade empapelada e o delírio eleitoral atinge a todos nesta guerra de poucos vencedores. De qualquer forma, decide-se, abertamente, o seu destino.

Todas as trincheiras estão ocupadas. Postes, fachadas de residências, muros, árvores, tapumes, rádios, jornais e até mesmo as camisetas que já veste boa parte da população, que, entre indiferente e ansiosa, assiste a uma campanha eleitoral guiada pelo poder econômico e onde a batalha principal será decidida entre o PDS e o PMDB, como nos tempos do bipartidarismo, pois PT, PDT e PTB apenas ensaiam timidamente a ocupação da cidade.

É nessa guerra com contornos já mais ou menos definidos que a cidade, seus bairros, distritos e periferia, acorda e vai dormir — amanhecendo sempre com nova roupagem: ela troca de pele durante as madrugadas, quando pichadores se encarregam de empapelar — ou seja o que for — os locais de maior movimento em Mogi. Com suas latas de cola, vassouras e cartazes, eles agem quase sempre em duplas e ganham salários que vão de Cr\$ 300 a Cr\$ 1.500 por dia, tendo transporte garantido por dezenas de camionetas e carros emprestados aos candidatos que disputam a Prefeitura. São menores e adultos, geralmente desempregados e sonhando com emprego no funcionalismo da

cidade, caso os nomes que colam e picham sejam eleitos.

Os pichadores, é certo, são o último degrau de uma grande escala, onde se movimentam incontáveis assessores dos assessores dos candidatos. Para vencer esta guerra é necessário montar esquemas, estratégias, ter visão dos movimentos do inimigo — saber, enfim, como e onde utilizar um trunfo. Assim, os principais postulantes ao cargo político maior não se esqueceram de montar equipes de coordenação e execução integradas por profissionais de várias áreas. Nem por isso, porém, ficou menos prestigiada a figura do *cabo eleitoral*, aquele que arregimenta votos, promete empregos, promove churrascos, paga bebidas e, evidentemente, recebe por tudo isso. Numa de suas primeiras investidas nesta campanha, a novata Gilda Kapritchkoff, candidata a vereadora pelo PDS, revoltou-se contra a pequenez desse tipo de atuação e em resposta recebeu de correligionários seus o rótulo de ingênua.

Nesse mar agitado navegam com alguma tranquilidade os assessores especiais, as pessoas que, teoricamente, podem virar

uma campanha. Mais sofisticados, se não forem jornalistas — da imprensa local em sua maioria —, advogados, professores, médicos, administradores ou economistas, são, certamente, figuras retiradas dos baús políticos, onde se escondem nomes tidos como experientes e conhecedores do eleitorado. Todos, enfim, pela prestação de serviços, saboreiam pedaços do grande bolo recheado com creme de cifrões. Os "pacotes" de serviços que venderam aos candidatos rendem entre Cr\$ 150 mil e Cr\$ 500 mil mensais, mas há vários casos onde este último valor mais que quintuplica.

SANTINHO E CHARRETE — Essa facilidade de recursos existe apenas no PDS e no PMDB, mas muito mais no primeiro, onde o cacife é várias vezes superior ao dos peemedebistas, que, em relação aos demais partidos, são privilegiados primos ricos. PT, PDT e PTB fazem suas campanhas atendendo a eleitores nos comitês, reunindo-se em casas de pessoas amigas e distribuindo —

com parcimônia – discretos *santinhos*. Se seus cartazes sempre em preto e branco não chegam a cobrir totalmente os tapumes, tentam compensar a falta de dinheiro com a criatividade. Esta não custa nada e pode render muito. Mário Berti, por exemplo, candidato do PT à Câmara Municipal, fará sua campanha passeando pela cidade numa charrete decorada com seus cartazes, maneira mais direta possível de chamar a atenção. Como fez recentemente seu partido, que, com um enorme carimbo de esponja, decorou todas as ruas principais com a estrela do partido.

Nesse vale-tudo eleitoral, repreensões como as feitas por Gilda Kapritchkoff são esquecidas rapidamente, pois a campanha é incrivelmente dinâmica, e incidentes mais graves, alguns até policiais (veja *boxe* na página 16) perdem-se no turbilhão de emoções e novidades do dia-a-dia. As eleições são uma grande festa e há as personagens principais. Assim, vale muito ser citado nas colunas sociais, espaço, aliás, disputadíssimo e que gera *frisson* entre os envolvidos. Se Junji Abe levantou o troféu *Itapety*, criado pelo colunista Willy Damasceno, somando mais pontos no Ibope social da cidade com outras citações, seu principal adversário, Francisco Nogueira, não deixa por menos. Na recente passagem do humorista Agildo Ribeiro pelo Teatro Municipal, o nome de Nogueira foi citado três vezes durante o espetáculo. É o *merchandising* da campanha feito, às vezes, com exemplar competência e oportunidade.

ESQUECENDO WALDEMAR – O certo, porém, é que os candidatos a prefeito já se consideram eleitos ou estão a caminho disso. Animadíssimo com seu trabalho, o promotor público Antônio Carlos Machado Teixeira, candidato a prefeito pelo PMDB, faz seus cálculos. Falando a ATO dias atrás, Machado achava-se em terceiro lugar na preferência popular, posição excelente para quem, como ele, tinha apenas 75 dias de campanha empurrada por gastos pessoais de Cr\$ 800 mil. Divide seu tempo entre reuniões, conversas nas portas das fábricas, caminhadas pela cidade – megafone em punho – ou passeios em sua moto 400cc tocando nas esquinas a buzina musical.

Oficialmente ele não confirma, mas em conversas informais deixa claro reações que estariam surgindo na esteira de sua ascensão no *ranking* eleitoral. Uma, a do companheiro Rubens Magalhães, candidato como ele a prefeito e aparentemente incomodado com a atividade de Machado junto aos operários, a área básica de Rubens. Outra – talvez mais relevante – foi a visita que recebeu do banqueiro Henrique Brenstein, figura de prestígio no PDS local.

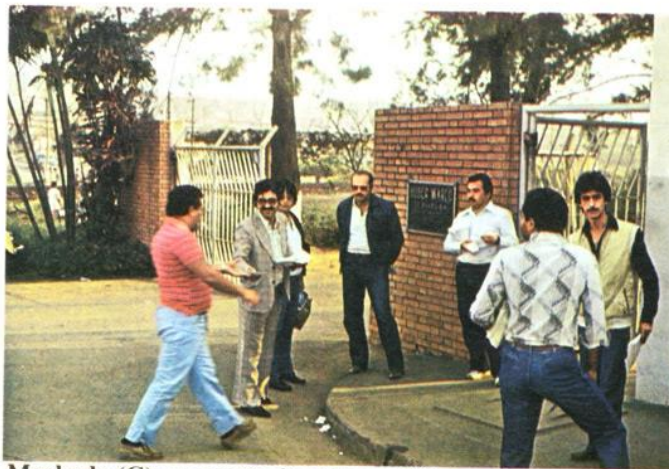
Mais palpável, porém, seria o apoio da Igreja, pois Machado, membro da Comissão de Comunicação Social da Diocese, pode beneficiar-se dos constantes ataques ao bispo d. Emilio Pignoli. “Isso me ajuda, pois coloca a Igreja nos meus braços”, garante Machado, que aposta na vitória por causa de sua plataforma de governo. “Ela me levará à *Torre de Marfim*”, como chama a Prefeitura, “e depois



Mudando de pele, todas as noites

que chegar lá ninguém mais se lembrará do Waldemar.”

Tanta disposição poderá servir também para sacudir o candidato Rubens Magalhães da sonolência que parece marcar suas campanhas. Há um mês das eleições, ele ainda é, sem dúvida, o nome mais forte da oposição e tem como cacife sua atuação sindical e os 15 mil votos da última eleição. Magalhães, no entanto, ainda não “desencantou” – segundo seus próprios companheiros de partido –, e haveria duas explicações para isso: uma doença repentina que o teria retirado por alguns dias de circulação ou, mais provável, estaria aguardando “combustível para a campanha”, o que se materializaria no chamado “Expresso Pagador”, expressão cunhada para identificar o empre-



Machado (C): na porta de todas as fábricas

sário Jacob Lopes, delegado do partido e candidato a deputado estadual – que financia a maior parte da campanha eleitoral do PMDB –, enquanto cuida da sua própria, junto ao compadre, o senador Franco Montoro.

CACHORRADA ELEITA – O advogado Aécio Yamada também já se considera eleito, e essa vitória, segundo ele, começou a 1.º de outubro, quando sua campanha ganhou as ruas. “Não tinha gás para começar antes”, revela o candidato, que não se diz

preocupado com a guerra das pichações. Afinal, raciocina, “se poste fosse importante os cachorros estavam com as eleições nas mãos”. Aécio, que tem trabalho conjunto com Severo Gomes, Franco Montoro e Caio Pompeu de Toledo, tem uma vantagem sobre os outros: seu comitê é disparado o mais bem decorado de todos, com o seu nome e o de Montoro escritos em letras escorridas, a exemplo do sindicato polonês *Solidariedade*.

Mas, como os cachorros não votam mesmo, a irônica imagem não serve, e Aécio terá mesmo de disputar as rodadas diárias de troca de pele da cidade. Precisa inundar não só os postes, mas também pichar, colocar faixas e tudo o que conseguir, que fazem os três candidatos do PDS, que ganham fácil a guerra do papel, tinta e cola.

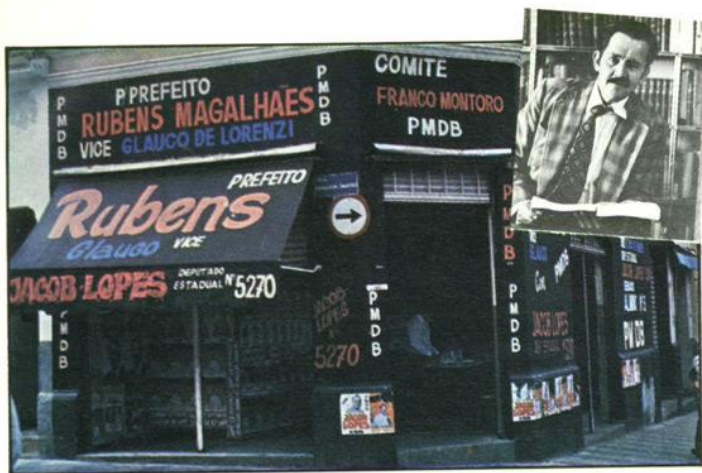
É nesta sigla que estão, há um mês das eleições, os mais sérios candidatos ao cargo de prefeito. Junji Abe e Francisco Nogueira só se preocupam um com o outro, basicamente. E, claro, só fazem em vitória. Nogueira, por exemplo, já se dá ao luxo de começar a escolha de nomes que comporão o seu primeiro escalão, anunciando a manutenção de Valdemar Costa Neto, o “Boy”, na direção da Companhia de Desenvolvimento de Mogi das Cruzes – Codemo –, na verdade mais uma estratégia de campanha, pois quem tiver o apoio do filho do prefeito terá também o apoio deste, e uma aliança assim seria imbatível na cidade. De qualquer forma, Nogueira fez o convite e, segundo ele, Boy aceitou.

“Os mogianos verão, quando as urnas se abrirem, que eu serei o vitorioso”, proclama

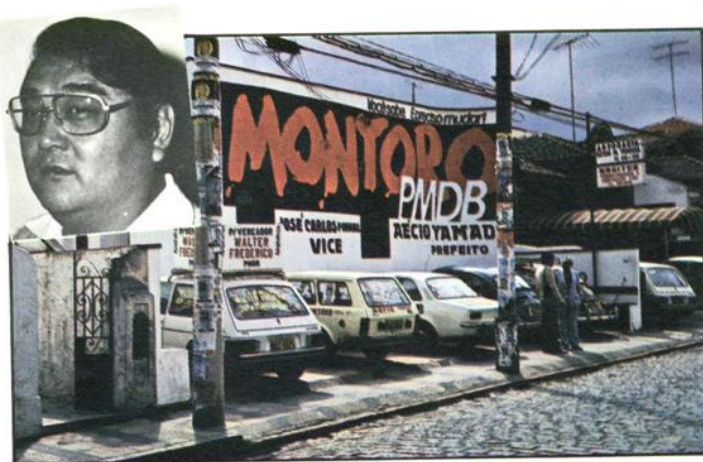
Nogueira, confiante em pontos como o seu plano de governo, o trabalho feito por ele e o vice Tarcísio Damásio da Silva nos últimos anos como vereadores e, mais importante, na surpreendente adesão de Oswaldo Regino Ornelas, antes de renunciar à candidatura um crítico veemente de Nogueira (Leia reportagem sobre Ornelas na página 12).

Francisco Nogueira parece não se atemorizar com previsões gerais que se fazem sobre o grande trunfo de seu arquiinimigo político – os votos (seriam 10 mil) que Junji Abe teria na colônia japonesa, saindo dessa expressiva rampa de lançamento com fôlego suficiente para aterrissar mansamente na Prefeitura. “Ele sai com um segmento da população e eu saio com vários outros: o meu, o de Tarcísio e agora o expressivo eleitorado de Oswaldo Or-





Magalhães, o mais forte do PMDB, quer governar...



com Montoro, como o companheiro Aécio Yamada

nelas", profetiza Nogueira, que se atirou à disputa com vigor poucas vezes visto em Mogi. Amparado pela experiência do vereador Luís Teixeira, detentor do apoio dos votos cativos do missionário Manoel de Melo, da Igreja Brasil para Cristo, e agora também beneficiário dos votos do ex-inimigo Ornelas, Nogueira tenta levar a bandeira de sua campanha a todos os pontos da cidade, fazendo campanha de dimensões colossais. Ele já anunciou o apoio de quase 40 candidatos a vereador e diz manter 400 pessoas em seu comitê.

O PREDILETO – Do outro lado da linha, a retórica não é diferente. Junji Abe também está certo da vitória e enumera suas razões: o trabalho que faz há anos, a presença do conhecido dentista Miguel Nagib em sua chapa, o programa de governo que "está sendo muito bem aceito" e a campanha de "alto nível que estamos desenvolvendo", conclui o pedessista, que é identificado como candidato predileto do prefeito tanto por adversários de seu partido como pelos inimigos da oposição. Para não perder a oportunidade, Abe já lançou, com seis meses de antecedência, seu candidato para 86: nada menos que Valdemar Costa Neto.

O esquema político de Junji, é verdade, está composto dos mesmos nomes que trabalharam em campanhas anteriores para o prefeito Costa Filho. E, muito mais importante que isso, suas bases de sustentação financeira são as mesmas, o que reforça ainda mais a intimidade com Costa Filho. "O Junji tem 10 mil votos sem fazer nada, deve trabalhar por mais 2 mil e seu vice deve dar-lhe outros 6 mil. É uma eleição garantida, e a briga só seria mais feia se o Ornelas não tivesse desistido", diz um experiente político local e atento observador do PDS.

Junji afastou-se da presidência do Sindicato Rural, mas ainda mantém lá um escritório ativo. Nos últimos dias, iniciando a arrancada final, a candidatura de Abe decolou com desenvoltura a bordo de um novo slogan (*Junji e Miguel, para não se arrepende depois*) e de um jingle produzido na Capital. Enquanto isso, seus compromissos pessoais multiplicam-se e vão desde inau-

gurações, visitas, reuniões até pontapés iniciais em partidas de futebol. O candidato, que há anos evita a expressão "colônia japonesa", diz que ela vem sendo usada agora insistentemente para prejudicá-lo, referindo-se a tentativas de discriminação racial. **PÉ-DE-BARRANCO** – Nesse páreo corre por fora o terceiro pedessista, Nicolau Lopes de Almeida, uma espécie de tapa-buraco para a renúncia de Oswaldo Ornelas, de quem, garante, recebeu a grande força que precisava. "Ele malhou durante três meses o Chico Nogueira e acabou juntando-se a ele. Agora, os votos do Ornelas não serão transferidos e quem vai entrar na área dele sou eu", prevê. "Quem deu um boi para

não entrar nessa briga agora irá ser prefeito", vangloria-se o candidato, que promete iniciar sua eleição pela Vila Industrial, onde, na Cosim, trabalhou durante 20 anos.

E sua campanha – já elogiada pelo atual prefeito como a mais inteligente do partido – é extremamente simples: continuar, com os projetos já prontos, a administração de Costa Filho, eleito por Almeida como seu principal cabo eleitoral. Fora isso, Nicolau usa como ninguém o telefone e acreditando na eficiência dos grandes painéis distribuiu vários deles com o seu rosto pelos pontos mais tradicionais da cidade. Sem contar a

Os vereadores, nomes importantes da eleição

Mais importante do que nunca nestas eleições devido ao voto vinculado, os vereadores e postulantes ao cargo estão sendo disputados a peso de ouro pelos candidatos a prefeito. Não há esquema sólido sem sua participação. O PDS, por exemplo, tem nesses políticos a certeza da vitória. Segundo o prefeito Costa Filho, o partido fará de três a quatro vereadores com 3 mil votos, pelo menos dois com 2 mil e seguramente dez com mil. Em meio a tantos nomes, os de Sethiro Namie, Ivan Siqueira, Bento Antonio de Oliveira, Norberto Engelender e Dirceu do Valle aparecem como os mais cotados.

Siqueira, por exemplo, concorda com a importância do vereador. Sua campanha será sustentada "no trabalho sério que desenvolvi nestes anos todos", prevendo, no entanto, certa dificuldade, "pois ao mudar de partido terei um PDS mais duro de carregar". Ivan pertencia ao PMDB. Conformado, ele não se incomoda de "ser um burro de carga nessas eleições", trabalhando para os três candidatos a prefeito.

Mas o grande campeão dessas eleições deve ser o pedessista Sethiro Namie, mais feliz ainda porque "desta vez terei muitos votos de brasileiros e não só dos nisseis da



Namie, já eleito



Marcos, do PMDB

colônia". O PMDB também acredita – e muito – em seus vereadores. Tanto que o principal candidato do prefeito, Rubens Magalhães, tem certeza de que o partido fará maioria na Câmara. Para isso, conta com vários pesos-pesados, como os vereadores José Marcos Gonçalves, Tadao Sakai, José Cardoso e o novato Pedro Komura, que se deve eleger com boa votação. Marcos Gonçalves, por exemplo, teve, nas últimas eleições, quando tentou a Câmara Federal, mais votos em Mogi do que o pedessista Manoel Bezerra de Melo, que também buscava a Câmara.

ALTA ROTAÇÃO – Mas nem tudo é calmo na vida dos candidatos a vereador.



O PT, dando brilho com suas estrelas



Nicolau e os painéis



Anúncio fora de hora



Junji: lutando por Mogi sem falar na colônia



Nogueira: sem medo dos votos da colônia de Abe

sua predileção pelos barrancos. "Não há sequer um morro neste município que não tenha meu nome pintado", diz satisfeito.

VEREADORES DE OURO – A campanha ganhará agora colorido extra, pois o prefeito Costa Filho promete mergulhar

fundo na disputa. E continua dizendo que o PDS já ganhou. Suas previsões baseiam-se no poder de fogo de seus vereadores, alguns, segundo ele, com votação mais expressiva que alguns candidatos do PT, PDT e PTB, partidos que, na opinião de Waldemar, não chegarão a fazer 10 mil votos. "O PMDB" – profetiza – "vai perder por mais de 20 mil votos", com Rubens Magalhães, o seu nome mais forte, conseguindo menos votos que na eleição passada, quando obteve 15.118. Mais: o prefeito suspeita ainda que Antônio Machado e Aécio



Ivan é certeza



Tadao, bom nome

Eles, nos últimos dias, talvez por serem parte tão vital nestas eleições, acabaram-se envolvendo – ou sendo protagonistas – em situações violentas. Não faz muito, ao chegar em casa, ao lado de seu comitê, o candidato Benedicto Yague Guimarães disparou sua arma contra pichadores do PMDB que já tinham coberto os cartazes de Yague e tentavam sacar da parede uma faixa. "A gente tem de mandar bala para verem que o negócio aqui é de alta rotação", disse depois para justificar os disparos.

São vários os incidentes em que se envolvem os vereadores. Em Taiapuêba, o candidato Jairo Fernandes, sentindo-se prejudicado pela pouca importância que

teria num comício de Francisco Nogueira, pois haveria mais espaço para Luiz Teixeira, outro nome forte do PDS, agarrou o microfone e terminou com a festa. Sônia, mulher de Nogueira, presente ao ato, acabou desmaiando.

Mais: no início da campanha, Tarcísio Damásio da Silva levou até a um fotógrafo da praça Oswaldo Cruz pessoas que iam tirar seus títulos eleitorais. Acabou-se desentendendo e levou uma grande surra. Há também os boatos de campanha. Por eles, durante uma briga, o ex-campeão de atletismo Jamil Karam Nassri teria "massacrado" o franzino Monsute de Castro. Os dois desmentiram, assim também como não confirmou, mostrando o rosto intacto, o peemedebista Antônio Carlos Machado, outro que teria levado surra histórica. Menos sorte, porém, tiveram o dono da churrascaria Rodízio, e o candidato a vereador pelo PMDB Nelson Barreto. Este promoveu grande festa no estabelecimento, dia 29 de agosto, prevendo até a participação de Franco Montoro. Ao final, sem que Montoro surgisse, Barreto não pagou a conta de quase Cr\$ 50.000,00, gerando denúncia do proprietário do restaurante, inconformado com o "calote". Barreto, no entanto, reagiu e garante que a festa lhe fora oferecida pela churrascaria.



Nicolau, contando com os barrancos

Yamada ficarão aquém da votação obtida pelos outros dois peemedebistas na eleição anterior, Herval Brasil e Américo Kimura, com 3.348 e 4.732, respectivamente.

Mesmo sabendo que deverá ser alto o índice de votos nulos, o prefeito acha que os candidatos a vereador do PDS farão 40 mil votos e 13 ou 14 cadeiras na Câmara. Con-

Caia na rede Itaú. Caiu na rede, é cliente.

O Itaú de Nova Timboteua e o Itaú da Avenida Paulista não são uma agência pequena e uma agência grande do Banco Itaú. São duas das 860 matrizes que o Banco Itaú tem no Brasil inteiro. Onde você pode encontrar o mesmo padrão de serviços que faz do Itaú o banco que tem um atendimento que é uma beleza.

Isso vale também para os clientes: o Itaú não tem clientes grandes ou pequenos. Tanto uma grande indústria de São Paulo, como o seu Antônio, que faz carrancas no Rio Grande do Norte, merecem do Itaú a mesma atenção, o mesmo carinho e a mesma eficiência, que só a primeira e maior rede de agências eletrônicas do país pode oferecer.

Porque se o Itaú está instalando computadores em suas agências de todo o Brasil, transformando-se no banco eletrônico, é justamente para que seus funcionários tenham tempo para oferecer a seus clientes um atendimento cada vez mais humano e personalizado.

Assim, abrindo uma conta em qualquer uma das agências Itaú, você é cliente da rede Itaú. Porque não é o Itaú que tem 860 agências, mas as 860 agências que têm o Itaú.

860
agências

Itaú



A guerra eleitoral aproveita – e bem – o estilo grafith

fiante, Costa Filho diz que com muitos votos nulos ganha o seu partido, pois Junji Abe terá para desequilibrar os famosos 10 mil votos de saída à frente dos outros concorrentes. Caso contrário – conclui – “vencerá

quem do nosso lado trabalhar melhor e errar menos”.

Afastados dos combates mais intensos e movendo seus exércitos em pontos menos



O lado feminino da guerra

As mulheres também vão à guerra e a prova disso está na disposição com que algumas candidatas à Câmara – e principalmente as mulheres dos postulantes à Prefeitura – entram na briga pelo voto. Ocupando espaços que antes pertenciam aos cabos



Valene: e a agenda.

eleitorais e homens contratados para serviços específicos, elas realizam reuniões, cuidam das agendas e até mesmo opinam sobre planos de governo – além, é claro, de confeccionar faixas, cartazes e camisetas.

Valene, mulher do candidato a vereador Francisco Bezerra, é uma delas. Advogada e primeiranista de Engenharia (trancou a matrícula para poder comandar uma parte da campanha do marido), ela não tinha a mínima intenção de se meter na loucura eleitoral. Hoje pode ser vista coordenando cabos eleitorais ou cuidando pessoalmente da pintura de faixas e camisetas. “Eu não sabia nada e de repente

já me vejo conhecendo fotolitos. Animeime tanto que chego a movimentar mais a agenda do Chico” – diz ela, apressada, para explicar: até os filhos de sete e cinco anos aderiram à campanha. “Já os peguei ensinando seus amiguinhos como se deve votar e muito preocupados quando vêem cartazes do pai rasgados.”

Sônia, mulher de Francisco Nogueira, revela também disposição enorme. Sua agenda, separada na maioria das vezes da do marido, registra reuniões quase que de hora em hora, encontros onde ela é incansável ao demonstrar por que as pessoas devem votar em seu marido e nos candidatas e candidatas à Câmara que sempre a acompanham. “Estou de cabeça nesta campanha em primeiro lugar por causa do Francisco e depois porque este trabalho me faz sentir muito bem: valorizada como mulher, aprendendo e dando muito valor para pessoas e trabalhos que eu nem imaginava.”

Yossie Yamada, casada com o peemedebista Aécio, é química e deixou seu trabalho há dois anos. Não queria que o marido aderisse à política, “mas acho que se entrou tem de ser para vencer, e estou lutando junto para que isso aconteça”. Ela participa de reuniões e encontros diários com esposas de candidatas a vereador do partido, quando não está ao lado de Aécio, explicando como se deve preencher as cédulas de votação, “de ponta a ponta”.

METROPOLITANA FM

STEREO



MOGI DAS CRUZES

**Nunca se falou com tantos,
em tão pouco tempo.**



Na campanha, os eleitores também cedem seus muros para propaganda



O PT, lutando por um lugar ao sol

turbulentos, cuidando para preservar as posições conquistadas, os candidatos Newton Caldeira e Milton Rabelo, do PDT, Francisco Alves de Lima, Antônio Máximo e Sônia Regina, do PT, não representam ameaça às duas superpotências eleitorais. Tentam apenas organizar os partidos – e esperar que novembro passe para decidir se ficam onde estão ou vão participar das grandes mudanças que estão sendo esperadas.

Vanice Assaz



Jacob, dando cor e ritmo ao PMDB



Os cartazes cobrem tudo, até janelas

HORÁCIO DE OLIVEIRA
DISTRIBUIDORA DE AZULEJOS,
PISOS E BANHEIROS

O acabamento final de sua casa necessita de muito carinho. Tanto quanto o que foi prestado no instante do primeiro traço do seu projeto. É fundamental existir uma completa harmonia entre a beleza exterior da residência e a sua interior. E você já sabe: Azulejos, pisos, peças sanitárias, lajotas e qualquer material de acabamento é na Casa Oliveira.

Matriz:
R. Cel. Souza Franco, 499
Fones: 469.2822 - 469.2647

Exposição:
R. Barão de Jacegual, 481
Fone: 469.2872

MOGI DAS CRUZES

"56 ANOS TRABALHANDO POR MOGI"

DENÚNCIA

Candidatura abortada

“Manezinho” queria defender minorias, mas preconceito partidário impediu



“Manezinho” descobriu que...

Pelo inusitado de sua plataforma – a defesa dos homossexuais, entre outras minorias – não faltaram maldosos adversários que, ao comentar a candidatura de Manoel José Teixeira, o “Manezinho”, insinuaram que seu mandato – caso se concretizasse – passaria definitivamente para os anais da Câmara Municipal de Mogi. Porém, sem o apoio dos próprios companheiros de partido e diante da reação provocada pelo lançamento de seu nome para disputar uma das 17 vagas do Legislativo mogiano nas próximas eleições, Manezinho, um discreto mas assumido homossexual, abandonou a carreira: não quer mais nada com política.

Carioca, mas morando há 20 anos em Mogi, Manezinho, um escriturário que já integrou vários grupos de teatro amador e foi cantor do conjunto de rock “Os Cometas”,

revelou-se, segundo seus admiradores, um corajoso defensor dos homossexuais e prometia um mandato voltado para a defesa dos grupos minoritários, contra o preconceito e a discriminação social. Sem ser “bandeirista e não gostando de oba-oba”, como ele próprio garante, seu ingresso na Câmara Municipal seria assegurado pelas simpatias que goza no bairro do Boqueirão – onde mora e é conhecido como uma figura simples e de origem humilde. Escolheu o PT, “o único partido que defende os trabalhadores e os oprimidos em geral”, e de início não se mostrou nada preocupado em ser apresentado como o candidato gay, até enfrentar a feroz maledicência popular e a nada consagradora resposta dos companheiros de militância política.



**URBANO
SILVA**
EMPREENHIMENTOS
IMOBILIÁRIOS LTDA.

ADMINISTRAÇÃO

PROJETOS

CONSTRUÇÕES

Rua Cel. Santos Cardoso, 283 - Tel.: 469.4168 - MOGI DAS CRUZES

Abortada a candidatura, nem por isso Manezinho deixará de "brigar pelo direito dos homossexuais. Afinal, homossexual não é diferente de qualquer outro ser humano e precisa ser tratado com igualdade em nossa sociedade". Veemente na defesa de suas posições, o ousado ex-candidato é partidário da imediata redefinição do homossexualismo, encarado ainda hoje pelos órgãos públicos e classificado no Inamps como distúrbio de saúde. "Até agora, nada se fez para mudar esse conceito, colocando à margem da sociedade os homossexuais vítimas do preconceito e da discriminação."

Manoel Teixeira lamenta o insucesso de sua iniciativa - "nunca desejei chocar ou agredir o povo, nem tampouco provocar simples polêmica em torno de minha pessoa" -, mas continua acreditando na necessidade de participação dos homossexuais e de outros grupos minoritários na vida política. Para ele, é importante a organização das mulheres, dos negros e dos índios e considera vital a colocação de suas problemáticas em discussão. "As pessoas, no mínimo - aguarda esperançoso -, ficarão mais sensíveis diante da questão."

Sem discriminação

Aliás, a nível geral, além do PT e do PMDB, nem mesmo o conservador PDS está desprezando - nesses difíceis tempos em que as diferenças das urnas serão contadas nos dedos - a preferência das minorias. As regionais do PT e do PMDB teriam mesmo deter-



... a democracia na prática é bem diferente

minado aos diretórios municipais que abrissem suas legendas aos candidatos representativos dessas pequenas facções da sociedade que, por certo, têm possibilidade de arrebatar votos dos colegas. Nada desprezível, por exemplo, o apoio dos homossexuais, que conforme assegura o artista plástico Darci Penteado, um dos expoentes do movimento gay paulista, só em São Paulo representariam 1 milhão e 200 mil votos. Claro que em troca do apoio dado aos candidatos, uma série de reivindicações já está bem definida para ser depois cobrada. Do governador eleito eles pretendem, entre outras coisas, o fim da repressão policial a travestis e a aceitação do homossexual no serviço público, sem discriminação. Ao que parece, entretanto, mesmo os mais liberais candidatos estão temerosos em prometer o cumprimento de uma nada absurda proposta: "Os homossexuais querem ter o direito de namorar na praça, como qualquer pessoa" - sugere Darci Penteado.

NÉGA

"QUANDO A BASE É SÓLIDA..."

Para falar da solidez, da consciência, da responsabilidade e da garantia dos serviços que a NÉGA ESTACAS realiza, ninguém melhor que o **Colégio São Marcos, o Supermercado Mogiano, a G.C. Empreendimentos Imobiliários, a Bet-sul Imobiliária, a Takita Samomiya Engenharia e Construção, a Marsil Engenharia e Arquitetura e muitas outras.** É que nestas grandes obras, todo estaqueamento foi executado por nós. E não precisa nem dizer o que representa uma estrutura em construções como estas. É como uma árvore imensa, de tronco largo e cheia de galhos sem uma raiz que a sustente.

NÉGA ESTACAS S/C LTDA
R. CASAREJOS, 192 - FONE: 469-2924
MOGI DAS CRUZES - SP.



Se os estudos que a Unicamp faz derem certo, Mogi das Cruzes poderá ter assistência médica exemplar.

ASSISTÊNCIA

Saúde sem filas

Mogi pode ser a primeira cidade a receber os benefícios da assistência médica integrada.

Escolhido como alvo prioritário do programa governamental "Pró-Assistência, Mogi das Cruzes será o primeiro município da Grande São Paulo a se beneficiar do plano desenvolvido atualmente pela Universidade de Campinas – a sonhada integração na assistência médica, até hoje simplesmente impensável diante da imbatível força da burocracia. A partir do diagnóstico que aponta a burocratização do setor Saúde como causa da ineficiência do sistema médico-assistencial nas cidades de grande e médio portes, problema perceptível até para leigos, o reitor da Unicamp, José Aristodemo Pinotti, destinou à comissão criada para este fim, e coordenada pelos professores Aníbal Fagundes e Nelson Rodrigues dos Santos, a missão – esta, sim, para especialistas – de acabar com os entraves burocráticos e proporcionar ágil integração do HC da cidade à rede de serviços básicos de saúde. Feito isso, os resultados serão testados em Mogi.

Com o saudável objetivo de devolver ao hospital sua real função social, o plano do governo do Estado pretende acabar com o desentrosamento entre os diversos setores de assistência médica, como os postos de saúde do Estado e do Município, hospitais-escolas, Inamps, clínicas, hospitais particulares e todos os outros recursos que atualmente estão envolvidos, tornando mais fácil a vida das populações carentes.

A maioria dos problemas de saúde da população – normalmente de fácil solução, conforme dizem os estudos – torna-se praticamente insolúvel durante o intrincado encaminhamento que começa pelos postos fiscais espalhados pelos bairros e a seguir cai num revolto mar de carimbos, irredutíveis filas ou intermináveis esperas de consultas.

Os clientes desse sistema de saúde totalmente deformado, segundo os professores Aníbal Fagundes e Nelson Rodrigues dos

Santos, necessitam basicamente de uma integração entre os postos de saúde e a rede hospi-



A elegância é um costume que devemos conservar a cada instante, todos os dias e em qualquer lugar. E não apenas vestirmo-nos bem em festas, finais de semana ou em ocasiões especiais.

SAVANA'S
boutique

R. Barão de Jaceguai, 977
Fone 469-1101 - M Cruzes

LR-LIMA'S RESTAURANTE

Serviço de Buffet
Serviço a La Carte
Peixes e frutos do mar

Pizzaria
Churrascaria
Massas em geral

Domingos — Pratos Especiais

Rua Dr. Ricardo Vilela, 809
Mogi das Cruzes

Entrega à Domicílio
FONE: 469-2979



Com o novo plano, o problema do atendimento será...



...resolvido com mais postos de saúde... ...e consultas na própria periferia.

talar para evitar o tortuoso e repetitivo itinerário. Normalmente, o doente vai ao posto, passa por uma triagem e, caso necessário, é encaminhado a um especialista, num hospital. Lá, entretanto, o paciente não tem – como se indica agora no novo plano – simples continuidade de seu tratamento. Passa novamente por todo o processo de investigação inicial para então concluir-se, como no posto de saúde, que ele necessita realmente de um médico especializado. Soma-se ao quadro as até agora inevitáveis forças burocráticas.

Nada alarmante no processo, não fosse a constatação de que cerca de 80% dos problemas de saúde da população – segundo dizem os médicos – poderiam ser resolvidos a nível primário, ou seja, nos próprios postos. O restante pode ser tratado a nível de complexidade intermediária, e um pequeno percentual, cerca de 3 a 5%, necessita realmente de cuidados a nível terciário nos hospitais regionais.

O tratamento para todo esse desequilíbrio está longe de grande sofisticação: basta que se inverta a chamada "pirâmide de saúde", fazendo com que sua base seja constituída pelos postos periféricos dotados de autonomia e competência para acompanhar os pacientes, e os seus serviços sejam reconhecidos pelos hospitais. Os casos primários teriam, assim,



PADARIA E CONFEITARIA

BOM JESUS LTDA.



Rua Barão de Jaceguai, 860 - Fone: 469.7721 - MOGI DAS CRUZES - SP



SIM

SUPERMERCADOS

**LANCHONETE
ROTISSERIE
PRESENTES**

**Símbolo
de
Economia**

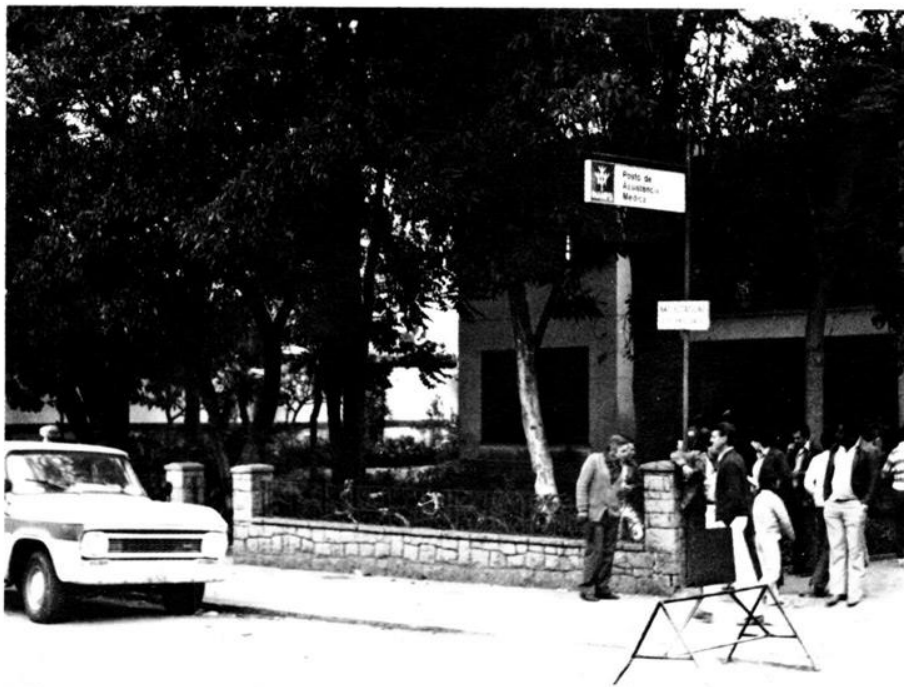
2.ª a 5.ª - Das 8:00 às 20:00 horas
6.ª e Sáb. - Das 8:00 às 22:00 horas

AMPLO ESTACIONAMENTO

AV. FRANCISCO RODRIGUES FILHO, 268

TEL.: 469-5447

MOGI DAS CRUZES



O plano pode acabar para sempre com esta cena diária

solução nos próprios postos e os demais órgãos de assistência médica receberiam os secundários e terciários, o que permitiria, até

mesmo, que os recursos destinados à saúde fossem injetados com muito mais proveito para toda a população.

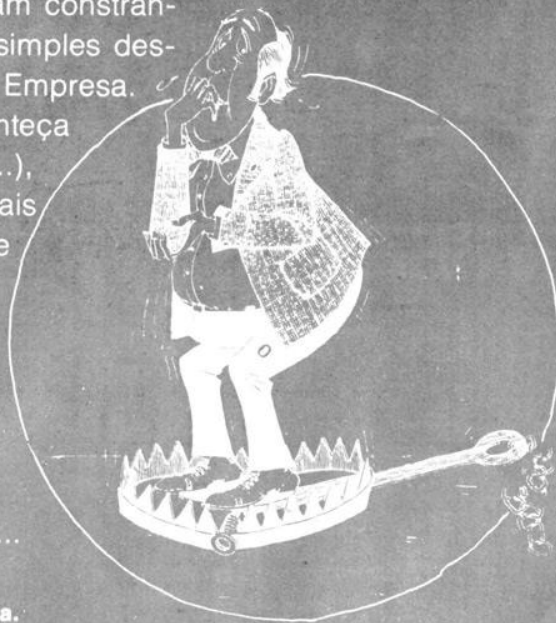
VIVANCE

Algo muito especial para transar o seu corpo.

R. Prof. Flaviano de Mello, 1280

Existem situações que se tornam constrangedoras e sufocantes por um simples descuido nos negócios de sua Empresa.

Para que isso não aconteça (ou se já aconteceu...), conte com profissionais que estarão sempre ao seu lado usando muita criatividade, habilidade e dedicação, para tirar a rolha de uma garrafa, ou...



J&W publicidade Ltda.

R. Prof. Flaviano de Mello, 769 - S. 24/25
Tel.: 469-5359 - Mogi das Cruzes - S.P.

Recordando a vida

Eles chegam e vão sentando. Em pouco tempo já recordaram décadas, os bons tempos da vida de todos.

Em vez de Reynaldo de Barros, Lula ou Franco Montoro, Armando Sales de Oliveira. Embora o último, como se sabe, esteja completamente fora de cogitação para a disputa do governo do Estado — já que falecido —, nada impede que seu nome seja colocado em pauta numa das discussões políticas travadas todas as manhãs por um animado grupo de aposentados, na praça João Pessoa, em Mogi das Cruzes.

Neste caso específico, Donato Grieco, 61 anos, aposentado do Ipesp e um dos participantes diários da roda "de meia-idade", tem certeza. Com a soberba tranqüilidade dos que conhecem o assunto, desafia com uma pergunta os colegas de banco, na prova de memória tão costumeira nos encontros: "Quando, onde e quem lançou a campanha de Armando Sales de Oliveira para governador?"

Sem resposta, Donato pode desfiar para os companheiros os dados por ele mesmo pedidos: "1934, nos altos do Cine Odeon, pelo doutor Isidoro Boucault". A lembrança assim

tão precisa é possível a Grieco pela sua própria participação no acontecimento: àquela época, aos 13 anos, como um entusiasmado violinista da orquestra de "Antônio Marmorá", animava, com outros músicos, o jantar que Isidoro Boucault, vice-presidente do Partido Constitucionalista, oferecia a deputados paulistas quando assistiu de perto a cerimônia que agora, categórico, conta, 48 anos depois.

Vencidos momentaneamente pela questão do velho Donato, que não conseguiram solucionar, cada um do grupo prepara silenciosamente e de repente dispara alguma outra pergunta, dessas que, sem a ajuda de uma privilegiada memória, só podem mesmo ser respondidas pelo autor.

E assim vão, durante toda a manhã, os velhos em animada roda, num cenário que a cidade já se acostumou a ver. As discussões às vezes chamam a atenção dos que passam pela praça, pelo tom um pouco alto empregado nas amigáveis disputas. A explicação para os



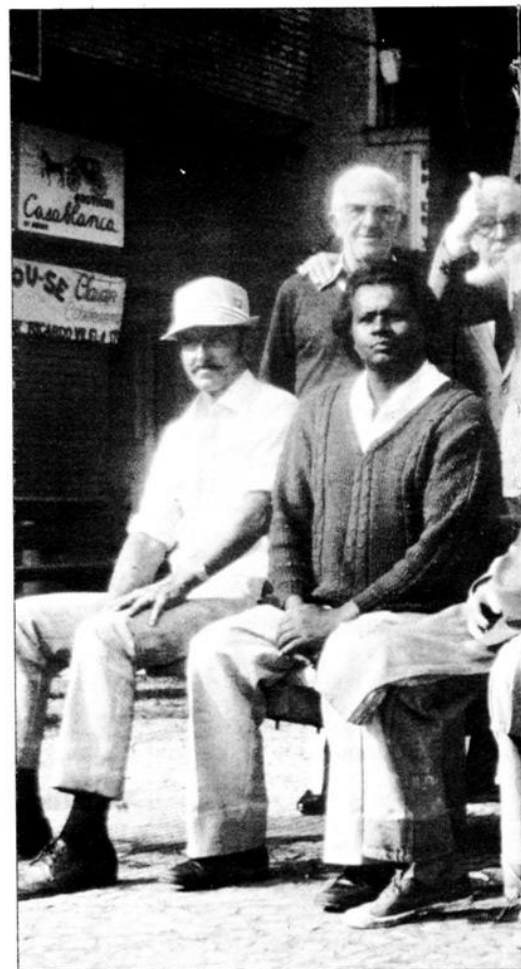
Pedro Flores: chegando bem cedo nos bancos da praça João Pessoa



Jesus: ferroviário aposentado



Grieco, lembrando velhos temas



Falam de Washington Luiz a Getúlio Vargas

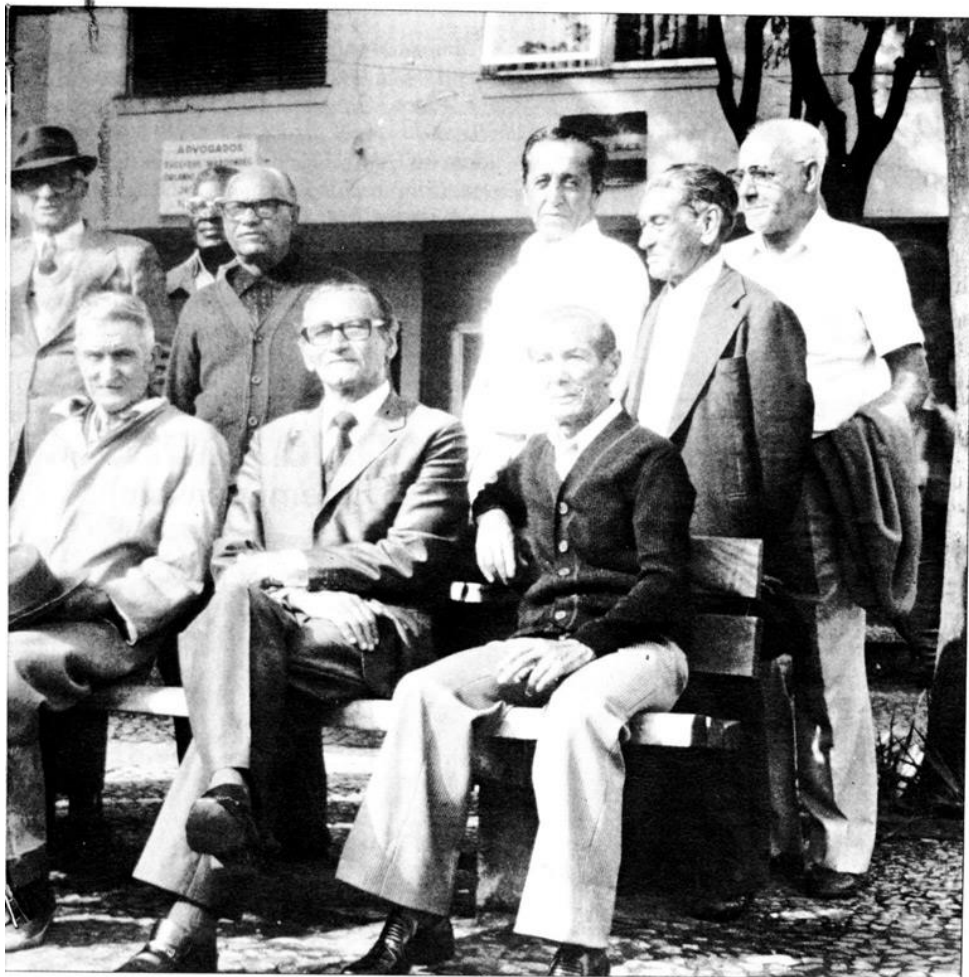
excessivos decibéis fica creditada a eventuais dificuldades de audição, próprias da idade, e ninguém da roda se ofende, pelo contrário, agradece os possíveis gritos dos interlocutores.

Entretanto, é engano pensar que ali só se discute a política do passado. Em rápida prévia pode-se saber, por exemplo, que, se depender dos votos da roda dos aposentados, decididamente o próximo prefeito mogiano será o candidato indicado pelo atual, Waldemar Costa Filho. Seja ele quem for — dizem os consultados em maioria —, o importante é que tenha o carimbo Costa Filho.

Plínio Boucault, um dos freqüentadores da roda da João Pessoa, é um dos poucos que não gostam de política, pelo menos da parte discursiva nos encontros da praça, já que foi vereador em dois mandatos e até mesmo vice-prefeito na gestão de Sebastião Cascardo. Hoje, com certo ar de decepção, ele prefere distanciar-se ou manter-se calado quando o assunto gira em torno de política. Sua presença na praça, como diz, serve para rever amigos e com eles relembrar os bons tempos. Outro horror de Plínio: tirar fotografia.

NOS DIAS — Sem nenhum cartão de ponto, os aposentados chegam sempre às nove horas





mas comentam também Montoro, Lula e Reynaldo de Barros.

ao habitual compromisso. A rotina de todos, dizem, já começou bem mais cedo com o café da manhã, um tranqüilo espaço para o barbear e, importante, para a leitura do jornal. Imprescindível mesmo, alegam, este contato

com a notícia trazida diariamente vai proporcionar dentro em pouco aos debatedores da praça subsídios e argumentos inestimáveis na hora da conversa dos velhos amigos. Depois, sem pressa, mas pontuais, todos rumam para



Na praça, descanso e serenas recordações do passado recente.

a João Pessoa, sempre a pé e atentando no caminho para as transformações que a cidade sofre a cada dia, fonte segura de mais comentários no jardim.

Impecáveis ternos, alguns de chapéu e até guarda-chuva, mesmo sob uma luminosa manhã de sol. Se, por um lado, não é nada improvável encontrar-se um dos participantes da reunião matinal portando um sóbrio charuto, também não é impossível flagrar-se uma moderníssima, ainda que desleigante, calça jeans, em meio ao colorido que se vai montando junto aos bancos de madeira da praça. Entre sorrisos, alguns contam que se pode ouvir nessa hora, nas proximidades, até alguns gemidos dos que se lançam na arriscada aventura de ocupar seus lugares sentados, operação tão custosa que a opção pode ser a de permanecer em pé – aliás, a mais procurada por boa parte deles. Aos poucos, as rodas vão formando-se, de preferência sempre onde exista um pouquinho de sol, e a conversa corre animada, sem pauta definida.

Fala-se sobre qualquer assunto e brinca-se muito, principalmente. Como, por exemplo, Pedro Flores, 66 anos, almoxarife aposentado que se dirige aos companheiros e substitui o “bom-dia” por uma pergunta sem razão aparente: “tem cheque aí para trocar?”. Divertem-se com isto os conhecidos de décadas. Sérios, todos defendem as amizades de antigamente, como João Faustino de Melo, 67 anos, farmacêutico e, como os companheiros, aposentado. Amigo de Pedro desde a infância, fala com segurança da fragilidade das amizades de hoje, que, como diz, não resistem ao tempo.

A FATAL – Longe de abalar a quase centenária solidez das amizades da praça, um momento, entretanto, é especialmente discutido entre os presentes: quem pagará para o grupo a tradicional rodada do cafezinho no conhecido “Café Michel”. O premiado quase sempre é aquele que tiver recebido mais recentemente sua aposentadoria, e não faltam resmungos de que o costume está cada vez mais caro.

Fora dali, esgotado o saboroso tempo das reminiscências, dos debates políticos, da conversa-fiada e das previsões, a vida da maioria volta-se para pequenos serviços caseiros e para a distração com os netos, Miguel de Jesus, um ferroviário que trabalhou muitos anos nas oficinas da Central do Brasil, conta com entusiasmo a missão que agora se impôs, ao trocar todo o sistema elétrico de sua residência, desde os interruptores até a fiação mais interna, o que para ele é excelente entretenimento. Não menor, ao que parece, que o motivo das fortes gargalhadas ouvidas entre os alegres componentes de uma das rodinhas dos aposentados, que se dedicaram, numa dessas manhãs, a folhear uma revista com reluzentes fotos de jovens mulheres nuas.

Dirceu Roque de Souza

Caldeirão

EME

Eles falaram

João Figueiredo: "Jurei fazer desse país uma democracia".

Waldemar Costa Filho: "Nunca menti ao povo de Mogi".

Argeu Batalha: "Não agüento mais. Vbu pedir demissão".

João Mendes: "Modéstia à parte, sou o único ladrão juramentado".

D. Emílio Pignoli: "Sapo de fora não chia".

Jacob Lopes: "Podem chamar-me de Seplan. O que me pedem de verba a fundo perdido não está no gabi".

Nicolau Lopes: "Vou soltar os 'cachorros' nos comícios. Esperem para ver".

Nelusco Boratto: "Até hoje não vi os votos que o Henrique me prometeu".

Tony Machado: "Pensando bem, eu seria o candidato ideal para o PDS".



Mário Berti: "Crucificaram-me no PT, porque conversei com o Waldemar. Ai Jesus, que pi... Lula venenosa fui tomar".

PROMESSAS

De um candidato do PDS:

– Se eu for eleito, prometo acabar com a escravidão, diretoras e professoras dos parquinhos serão efetivadas, terão salários dobrados e trabalharão apenas meio período...

Um funcionário (meio surdo) pergunta para o outro (gozador):

– O que ele falou mesmo?

– Ele tá falando que, se eleito, nós vamos trabalhar apenas 30 dias por ano.

– E de férias, ele não falou nada?

A Câmara Municipal, por intermédio dos vereadores Clóvis Knipell, Ivan Siqueira, José Marcos Gonçalves, José de Oliveira, Luiz Beraldo, José Cardoso, Sethiro Namie, Sancho Ueno, Luiz Teixeira, Waldemar Cortez, Roberto Sako, Francisco Nogueira, Wilson Cury, Tadao Sakai e Tarcísio Damásio, homenageou no Dia da Imprensa os mais velhos jornalistas da cidade, com um diploma de honra ao mérito aos seguintes jornalistas: Moura Santos, Durval Palomares e Roberto da Silva. Mas, como se

Os slogans dos candidatos a

(Se não dizem, pensam)



Milton Rabello: desenvolvimento... com a volta do Pró ... Demo.



Aécio Yamada: vamos abrir os olhos – fim do racismo com operação plástica em todos os nisseis.



Chico Nogueira: pró-casebre – quem casa, quer casa.



Sônia Sampaio: mulher no poder, homem no fogão.



Chico Lima: direitos humanos, campanha antitóxico e segurança bancária.

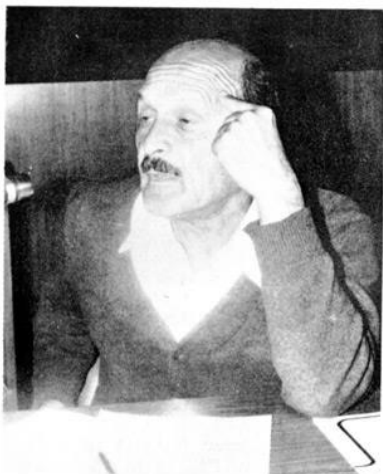
trata de ano eleitoral, resolveram homenagear também todos (todos?) os órgãos de imprensa de Mogi, a saber: Rádio e Jornal Diário de Mogi, Rádio Metropolitana AM e FM, Mogi News e Jornal Alvorada. Ah, já ia "esquecendo": a sessão foi dirigida pelo presidente Bento Antônio de Oliveira, o projeto foi de autoria do vereador Norberto Engelender e os velhos jornalistas receberam suas honrarias das mãos do mais velho funcionário público da cidade, o professor Argeu Batalha.



OLHO NO LANCE

Como a onda racista se alastra, principalmente em seu reduto, que é Braz Cubas, o candidato a vereador Valdir Rodrigues Ferreira, de comum acordo com seus colegas Waldemar Cortez, João Affonso Neto e José de Oliveira, bolou o seguinte slogan para sua campanha: *Não Votem em Branco.*

prefeito



Newton Pratt: corruptos na caldeira, isto é, cadeia.



Tony Machado: corte nos males do Município pela raiz... dos cabelos.



Antônio Máximo: fim do salário mínimo.



Rubens Magalhães: reforma agrária menos em Leopoldina.



Junji Abe: mais comida para o povo, principalmente batata e repolho.

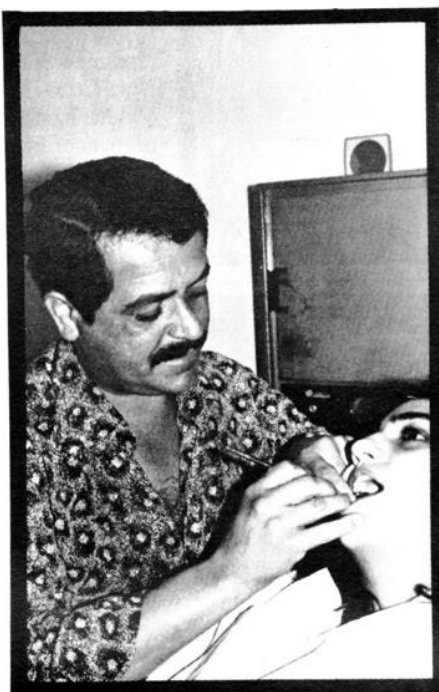


Nicolau Lopes de Almeida: emancipação da cachorrada.

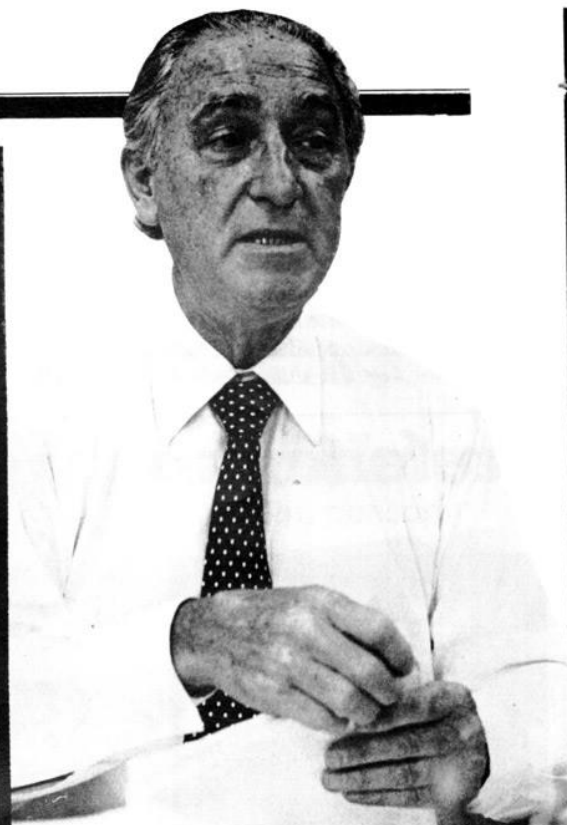
PAINEL



Enfrentando enormes dificuldades para garantir sua reeleição, o deputado Maurício Najar já deve estar arrependido por não ter aceito há alguns meses proposta para ser o candidato único do PDS em um esquema considerado imbatível: pela chapa articulada no Palácio dos Bandeirantes, Najar teria como companheiros o deputado federal Manoel Bezerra de Mello e Valdemar Costa Neto, o "Boy". Mello seria candidato à reeleição e Boy, a deputado estadual. Mello, empolgado com a idéia, financiaria todo o esquema do grupo dentro e fora do município. Najar, porém, disse não. "Isso é uma loucura. Eu tenho minha reeleição garantida." Não era bem assim, e hoje ele tem dificuldade até para trabalhar com os candidatos a prefeito em Mogi, enquanto sua candidatura perde rapidamente o auxílio precioso de Bezerra de Mello, que voltou sua atenção para o ex-aluno Marco Antônio Lacava, candidato pelo partido a deputado, como Najar.



Como ocorreu com Wilson Cury nas eleições de 76, a Associação Comercial e Industrial de Mogi das Cruzes apoiará, neste ano, outro candidato a vereador pelo PDS, desta vez o dentista Jefferson da Silva, 33 anos, que já incluiu em seus planos a instalação de minicentros comerciais, com 20 lojas cada um, para abrigar os pequenos comerciantes da periferia – fórmula ideal, segundo ele, de descentralizar o comércio local. Silva foi um dos únicos candidatos que fecharam direto com Papa Júnior para o Senado, recebendo, em troca, farto material promocional.



O PMDB de Mogi das Cruzes já sabe como neutralizar os efeitos positivos que o PDS pretende obter com a implantação do Projeto Cura no distrito de Braz Cubas, principal reduto oposicionista da cidade. Mostrarão simplesmente recortes de jornal, onde o próprio prefeito Costa Filho diz que quem conseguiu a liberação de recursos para o Cura foram os senadores Franco Montoro e Orestes Quércia, atuais candidatos ao governo do Estado pelo PMDB. Comenta-se também que Quércia poderia ficar uma semana em Mogi para auxiliar a campanha do partido.

O ministro Camilo Penna, da Indústria e do Comércio, recebeu do Tribunal de Contas da União relatório completo sobre a situação da Companhia Siderúrgica de Mogi das Cruzes, criada em 1967 para reativar a extinta Mineração Geral do Brasil. Desde 1976 a empresa apresenta prejuízos seguidos, provocando até mesmo a redução de seu patrimônio líquido. Nos círculos industriais da cidade comenta-se que esse relatório poderá apressar a privatização da siderúrgica, anunciada há algum tempo pelo próprio Camilo Penna.

Não faz muito, o advogado Jair Batalha foi procurado em seu escritório por membros do grupo religioso de extrema direita Tradição, Família e Propriedade, a TFP. Vinham com exemplares do jornal *O Catolicismo*, que desferia duros golpes ao clero progressista da cidade, principalmente ao padre Luiz Ceppi. O seguidor da TFP não falou muito. Ao contrário, saiu tão rápido quanto entrou. Batalha – o militante não sabia – é socialista desde sua infância.

Tão logo terminem a campanha eleitoral e as festas de final de ano, o diretor regional em Mogi do Centro das Indústrias de São Paulo, Ângelo Albiero Filho, voltará a defender a regionalização dos acordos salariais, idéia já criticada ao ser lançada tempos atrás. Waldemar Cordeiro, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Mogi das Cruzes, e o advogado trabalhista Rubens Magalhães acusaram Albiero de divisionista por querer "uma negociação de acordo com a realidade empresarial de cada região".





VIDA

Paixão em duas rodas

Ele viveu sempre buscando a emoção da velocidade, seu grande amor.

De nome nada pomposo – “Zé Macarrão” –, mas reconhecido, pela voz corrente dos motoqueiros, como artista requintado e dono de técnica inimitável de pintura em filetes e conservação de tanques de gasolina de motos, José Manoel dos Santos é, aos 62 anos, um desses insubstituíveis artesãos que fazem da fama de seu trabalho o sinônimo da própria identidade. Pensar em decorar um tanque de moto não só em Mogi, dizem os especialistas do setor, significa falar em Zé Macarrão.

Depois de 56 anos vividos em Mogi das Cruzes – seis ele passou em Portugal, onde nasceu –, José Manoel não tem nenhuma dificuldade em relembrar seus primeiros tempos de Trás-os-Montes, depois os lances de sua brilhante carreira de ciclista e o início do trabalho com motocicletas, passando pelo emprego numa fábrica de macarrão, o que lhe valeu o apelido hoje famoso. Na juventude apaixonou-se definitivamente pela velocidade em duas rodas e vencia, sem dificuldade, qualquer corrida de bicicletas, ficando célebre por suas potentes arrancadas. O ciclismo então atravessava gloriosa fase, e a

popularidade de Zé Macarrão crescia a cada competição – a maioria patrocinada pelas prefeituras, que incentivavam o esporte, “tão bonito, naqueles tempos”, lembra nostálgico o ex-campeão.

Em 1936, tamanha intimidade com as bicicletas levou Zé Macarrão a transformar em

negócio sua paixão da mocidade e abrir uma bicicletaria na praça Oswaldo Cruz. Com 16 bicicletas, iniciava seu ponto comercial, que funcionaria até 1972, ao mesmo tempo em que continuava a colecionar medalhas e prêmios por suas colocações nas disputas oficiais de ciclismo, abatendo qualquer rival nos então tranquilos “rachas” de rua, disputados com a força das pernas. “No percurso Mogi – Suzano” – conta sem modéstia –, “ninguém conseguia ser mais rápido do que eu.” “Depois de minha chegada, só aparecia o segundo colocado passados exatamente sete minutos.” Desencantado com a Prefeitura de Mogi



AUTO POSTO PONTO DE ENCONTRO

Sinta as diferenças entre um posto de gasolina e o **Ponto de Encontro.**



R. Cabo Diogo Olliver, 58 - Aberto das 6:00 h. às 20:00 h.



JOALHERIA DOXA LTDA.

Jóias finas, relógios das melhores marcas, artigos para presentes, foto e som, você encontra na Joalheria DOXA pelos menores preços e em até 10 pagamentos sem juros.

RELOJOARIA E JOALHERIA DOXA

CREDIÁRIO PRÓPRIO

R. Cel. Souza Franco, 364 Tel: 469-0369 - Mogi das Cruzes



que não mais patrocinava disputas oficiais, em 1942 ele mesmo promoveu a competição para em 1974, já aos 54 anos, ir até a distante Lorena e conseguir um difícil terceiro lugar.

SEGREDO DE ESTADO – Das bicicletas passou às motos e tornou-se conhecido em todo o Brasil. Mas que ninguém lhe peça – nem mesmo a única filha ou o genro sabem – os verdadeiros truques de sua arte de pintar filetes e conservar livres de ferrugem os tanques das motos. Das bicicletas Zé Macarrão levou para a nova atividade o capricho de todas as suas empreitadas e em pouco tempo, sem abandonar o seu primeiro amor – até hoje conserva uma invejável bicicleta em perfeitas condições –, ele tornou-se rapidamente um mestre no trato das velozes máquinas, o que por fim viria marcar definitivamente sua vida e fazer seu nome reverenciado como único no especialíssimo trabalho. Foi desenvolvendo a paciente técnica de pintura que Zé Macarrão viu amontoarem-se encomendas de motoqueiros e corredores profissionais, até mesmo de Pernambuco, onde teve de mostrar seus disputados serviços. Agora, embora ainda conserve atrás dos sóbrios óculos de aros de tartaruga o olhar atento e mantenha os mesmos gestos firmes herdados dos tempos de corredor, Zé Macarrão quer parar. Apesar disso, ele, que é conhecido até na Itália por sua habilidade, não deixa de encostar sua possante Harley Davidson perto de algum motoqueiro e lançar o desafio para um "racha" na Mogi – Dutra.

Para voar Brasil, fale com a Transbrasil.

TRANSBRASIL. BRASIL É COM A GENTE.

Redescubra o que é seu. Pelos quatro cantos do país, a Transbrasil leva você e sua família, com tarifas reduzidas em até 50%, financiadas em até 10 meses. Solicite informações com o nosso representante, sem nenhum compromisso. Efetuamos também transporte de cargas.

Av. Vol. Fernando Pinheiro Franco, 790 Fon 469-1851-469-0070 - Mogi das Cruzes

GRAFICA *Santana*

IMPRESSOS EM GERAL

OFF-SET

TAMBÉM A CORES

IRMÃOS TOLEDO & CIA. LTDA.

Rua Dr. Paulo Frontin, 395 - Fones: 469.9066 e 469.9091 - MOGI DAS CRUZES - SP



Até o final do ano deverá ser inaugurado o Museu de Artes e Tradições de Mogi das Cruzes, iniciativa do dentista pernambucano **Marcílio Simões Romeiro**, há cinco anos na cidade. O acervo será composto de pinturas em estilo acadêmico, clássico

e primitivo, além de peças de artesanato, livros e móveis antigos. Apesar de ficar instalado na Tenda de Umbanda e Caridade Senhor do Bonfim, Romeiro, 43 anos, garante que não haverá interesses religiosos, apenas culturais. O museu terá finalidades didáticas, pois além do curso de africanismo ele poderá ser visto e estudado, principalmente, por alunos em idade colegial. "Assim colocaremos a arte ao alcance de todos e não somente para uma elite", finaliza Romeiro.



A falta de um local bonito e aconchegante onde os moradores e turistas de Guararema pudessem reunir-se para almoçar e jantar, contando com bom serviço e pratos saborosos, levou Ana Maria Ostrover, Ondina e Miriam Campagnoli a tomarem a decisão de abrir o novo restaurante da cidade, o **Casa Velha** – rua Coronel Ramalho, 66. As três sócias, que nunca foram comerciantes, apesar do bom desempenho culinário, reformaram uma antiga casa da família Campagnoli e aplicaram decoração simples e ornamental. Pratos: carnes, aves, salsichões, sugestões especiais e o executivo servido durante a semana. Doces caseiros.

Negócios

- A indústria de equipamentos NGK Rinnai S.A. está lançando ao consumidor novo produto: *Catito*, o acendedor eletrônico de forno e fogão. Fabricado com tecnologia japonesa, possui sua estrutura em chapa de aço com pintura anticorrosiva, tubo cromado e acionador anatômico, assim como sistema de acendimento automático. Além disso, a NGK Rinnai lança também a churrasqueira *Steak* com grelha encaixada, fôrma esmaltada e suporte feito inteiramente em aço inoxidável. Pode ser ligada ao botijão de gás comum ou gás de rua e é de fácil transporte, limpeza e conservação.

- Engenheiros da Goodyear estão pesquisando a fabricação de pneus a partir de sílica e outros minerais para substituir o negro de fumo e assim reduzir a dependência da indústria de pneumáticos de derivados de petróleo. Com o uso de fibras de carbono e outros materiais não derivados do petróleo, mais a apli-

cação de novos tipos de aço de alta tensão e menos borracha, é prevista a possibilidade de se reduzir o peso de um pneu de passeio em quase cinco quilos. Em muitos casos isso equivaleria a cortar o pneu ao meio. O negro de fumo é a substância que confere resistência ao pneu e dá ao mesmo a tradicional coloração preta. Utilizando sílica incolor, será possível chegar-se a qualquer cor, permitindo aos proprietários harmonizar os pneus com a pintura dos carros. Isso já foi testado pela Goodyear há 20 anos, usando iluminação colorida elétrica dentro de pneus translúcidos.

- Hoje, em todo o mundo, mais de 400 aeronaves Bandeirante já voaram acima de 1 milhão de horas. Esta foi a credencial apresentada pela Embraer na Feira Internacional de Farnborough, em setembro, na Inglaterra, quando pela terceira vez uma aeronave Bandeirante participou da mostra inglesa.





O primeiro e mais difícil passo já foi dado, e o **I Festival de Motocross de Mogi das Cruzes**, promovido pela Ito Moto Ltda., serviu para mostrar que a cidade vai ganhar – no mesmo local onde nos anos 60 Emerson e Wilsinho Fittipaldi corriam em karts – uma pista para importantes competições de motocross. Ao mesmo tempo, a promoção incentivou outra idéia: a

criação do Moto Clube Mogiano. Nas primeiras duas provas de motocross realizadas em Mogi os resultados foram estes: 125 cc – 1.º Acácio Heleno de Almeida, 2.º Koichi Maurício e 3.º César Augusto Barbosa; 180 cc – 1.º Carlos Ito, 2.º José Augusto Alves da Nóbrega e 3.º Erasmo Guedes.



Sem perder a postura crítica contra a falta de incentivo ao esporte mogiano, Nilo Martins Guimarães, armador da seleção brasileira de basquete, recebeu da Câmara Municipal de Mogi das Cruzes a medalha “atleta-revelação do basquete nacional”. Alguns dias antes o jogador do Tênis Clube de São José dos Campos fora considerado por um júri internacional o melhor jogador da primeira fase do Campeonato Mundial disputado em Medellín, na Colômbia. Foi eleito ao final do jogo contra a União Soviética e de prêmio ganhou uma salva de prata. O técnico russo votou no brasileiro.



Com algumas modificações no texto original de Maria Clara Machado, 12 alunos dos cursos de Educação Artística e Letras da Universidade de Mogi das Cruzes, dirigidos pelo professor de Arte Cênica Adamilton Andreucci, estão apresentando, no auditório do **campus III** da UMC, a peça infantil “A bruxinha que era boa”. O espetáculo, que tem atraído bom público, ainda estará no palco durante a realização da Semana da Arte, entre os dias 25 e 30 de outubro, contando as peripécias da boa bruxinha “Ângela” – interpretada por *Marli Machado de Mello* entre as maldades de seus companheiros, flautas de som mágico e até mesmo uma moderna vasoura a jato.



Do I Encontro Regional de Carros e Pick-ups Antigos surgiu o Clube do Carro Antigo de Mogi das Cruzes, que já tem 28 sócios, diretoria completa e estatutos registrados. Com a entidade, espera-se eliminar os problemas que todos os possuidores de automóveis do gênero têm, ou seja, a assistência técnica e a substituição de peças. O primeiro presidente do clube, Roberto Tosatti Filho, 24 anos, tentará incluir a reunião de 83, que será novamente realizada na agência Lizardo Monteiro, no calendário turístico de Mogi das Cruzes. Participaram do primeiro encontro proprietários de automóveis antigos de Mogi, Osasco e São Paulo.

Mais do que um bar, mais do que um café, o Ceraisto Bar e Café surge em Mogi para inovar. Além de música popular brasileira, Ceraisto, uma excelente marca comercial, abre espaço para exposições de artes plásticas, lançamentos de livros, shows e tudo o que for possível fazer num ambiente como este.

Idealizado por um grupo de seis amigos, o Ceraisto fica no número 1.352 da rua Ricardo Vilela e hoje somente Rafael da Cruz e Maurício Arias, dois industriários, tocam o projeto. Querem mudar o hábito do mogiano: “Aqui, as pessoas não costumam sair de casa durante a semana para conversar com os amigos e ouvir boa música, mas já estamos alterando essa tendência”, garantem.

Sempre preocupados com a renovação musical (o bar conta hoje com três músicos de estilos diferentes), eles promovem shows e já pensam na criação do projeto “Quartas Musicadas”, dedicado aos músicos mogianos. Celso Andrade, um mineiro de Montes Claros que há três meses trabalhava em São Paulo, é um dos músicos contratados. “Estamos unindo forças em torno de um objetivo comum”, explica.





O legítimo está na caixa amassada...



O que não se pode dizer destes "scotchs", todos eles falsificados

Variedades

Gato por lebre

*Nas suas noitadas, tome cuidado com o uísque.
Você pode estar bebendo iodo.*

Ao pedir um *scotch* nos bares e *boites* da moda, tome cuidado. Você poderá estar-se preparando para uma terrível dor de cabeça, pois é bem provável que, em vez de uísque envelhecido por 25 anos e destilado em terras escocesas, o que você vai

tomar é uma mistura de chá, iodo e álcool preparada ali mesmo em Bariri ou Carapicuíba.

E a cada dia os riscos de se tomar uísque falsificado aumentam. Segundo o delegado Bento da Cunha, da Delegacia de Crimes Contra a Fé Pública, 60% do uísque estrangei-

ro consumido pelos paulistas é falsificado e em sua composição podem entrar desde rum, água, melado, iodo e cachaça até uísque mesmo, do nacional. O uso do uísque nacional foi um progresso nas fórmulas dos falsificadores, que, anteriormente, utilizavam álcool de milho, caramelo e ácido acético.

Porém, para escapar de um processo por falsificação, passaram a utilizar o produto feito no Brasil, como a cachaça *Black Malte Show*, fabricada em Capivari.

Embora sem oferecer grandes riscos para a saúde, pois, segundo os médicos, o máximo que o uísque falsificado pode provocar é uma grande dor de cabeça, existem fatores que devem ser observados na fabricação da

você tem, no mínimo, quatro bons motivos para ir a ITO moto.



A nova DT 180 TRAIL, a tecnologia mais avançada do mundo, Motores de Popa com várias potências, Geradores de Eletricidade com motores de dois e quatro tempos e Linha YAMAHA Look, com roupas e acessórios personalizados. Estes são os quatro motivos que você encontra na hora de visitar a ITO MOTO. No mínimo. Agora, sobre estes motivos, adicione a mais longa tradição que a ITO MOTO tem em concessionarismo nacional em

revender produtos YAMAHA. Acrescente também todas as vantagens que oferecemos no Consórcio Nacional YAMAHA: inscrição gratuita, a mais baixa taxa de fabricação e completa garantia de fábrica. Outro detalhe. A ITO MOTO compra e vende motocicletas novas ou usadas, sempre com os melhores preços da cidade. E você tem a certeza de um bom atendimento, por pessoas que entendem do assunto. ITO MOTO e YAMAHA. O máximo por você.



R. Casarejos, 1143 - Tel. 469-0628
Mogi das Cruzes - SP

Num mundo de tantos nomes...



Riva Jeans chegou
e vai conquistar o seu corpo.
Definitivamente. Da cintura para baixo.
E nesse espaço,
só domina quem tem, pelo menos,
muita força, beleza e qualidade.

Riva
jeans



A sua estrela ganhará um novo brilho neste verão.

Em Mogi: LANÇAGE BOUTIQUE – R. Prof. Flaviano de Mello, 1317;
SAVANA'S BOUTIQUE – R. Barão de Jaceguai, 977;
WANTED JEANS – R. Dr. Paulo Frontin, 239.



bebida, que, quando clandestina, não segue sequer os mínimos preceitos de higiene.

A assepsia, por exemplo, é elemento fundamental na fabricação do bom uísque escocês. Conta Bento de Almeida Prado, *expert* em bebidas, que "o fabrico do uísque é uma técnica, como o da pinga, que todos podem fazer, mas ao mesmo tempo é uma verdadeira mágica. No final, uma conclusão: a diferença entre um uísque e outro existe devido à fermentação espúria de elementos locais, e uma coisa é essencial: a assepsia total para evitar que o produto desande".

Estes problemas, porém, nunca preocuparam Agenor Bezerra Lins, um velho falsificador, preso no início do ano. Em sua casa, na rua Aurélia, a bebida era feita sem a menor higiene. Comprava as garrafas em restaurantes e *boites*, lavava estas garrafas em dois tan-

ques, enchendo-as, depois, com o uísque preparado em latões de óleo diesel. Finalmente, com ajuda de um filho e uma sobrinha, colava os rótulos e selos, preparava as caixas para, no mesmo dia, entregá-las a seus vendedores para a distribuição. Agenor, segundo o delegado Bento da Cunha, tem freguesia certa.

No ramo há mais de 15 anos, Agenor aprendeu muitos truques. Utilizando o uísque nacional, possui técnicas para deixar a bebida bem-parecida com a que vem da Escócia. Para fazer o *JB*, coloca uma quantidade maior de álcool e o uísque fica mais claro; o *Old Parr* leva iodo; e no *Johnnie Walker* é preciso acrescentar caramelo, o que deixa o preparado mais licoroso.

Quando foi preso, Agenor Bezerra Lins contou que comprava rótulos, selos, estampas e lacres, além do uísque nacional, de José Amadeu Olivari, um dos maiores falsifica-

dores de uísque do Interior. A especialidade de Amadeu, também preso no final do ano passado, é falsificar os uísques *Dimple*, *Johnnie Walker*, *Ballantines* e *Black and White*.

Com a cachaça *Black Malte Show*, rótulos e selos feitos em sua própria gráfica, Amadeu Olivari, um paulista de 37 anos, só manda fazer os lacres. As tampas de plástico são compradas em uma loja da rua Santa Ifigênia e ele tinha vários empregados para percorrer as principais cidades do Interior e da Capital, comprando garrafas vazias. Quando há falta de garrafas, José Amadeu não se preocupa — manda fazer as que precisa.

Sua infra-estrutura de falsificação é completa e precisa. Para engarrafar o uísque, utiliza-se de chácaras nas proximidades de Campinas e, como seu colega Agenor, chega ao requinte de mandar a bebida falsificada para Santos, "para esquentar", e, assim, os compradores acreditam ter sido a mercadoria "desovada" de navios vindos do Exterior.

E comprador nunca foi problema para Agenor ou Amadeu. A quantidade de uísque consumida no Brasil cresce assustadoramente, mesmo com a dose do nacional sendo vendida a Cr\$ 600,00 e a do escocês chegando a Cr\$ 1.500,00.

Somente em 1981, foram consumidas 2,4 milhões de caixas da bebida. Este consumo constante é um incentivo aos falsificadores, que, se descobertos, podem ser condenados a penas de dois a seis anos de reclusão. Daí passarem a se utilizar, de tempos para cá, do uísque nacional, deixando de lado suas antigas fórmulas caseiras. Isto se explica por que, sendo presos, se enquadram no crime de estelionato, cuja pena é de, no máximo, três anos.

A quantidade de uísque falsificado é imensa, conta o delegado Bento da Cunha. Somente numa das chácaras de Amadeu Olivari, em Paulínia, a polícia descobriu 1.000 garrafas de diversas marcas estrangeiras, prontas para serem entregues, bem como centenas de rótulos, máquinas capsuladoras, 4.700 selos, 3 mil tampas plásticas, 1.200 lacres de chumbo, além de dezenas de caixas de papelão.

Mas como saber se o uísque que estamos tomando não é o verdadeiro *scotch*? Para grandes conhecedores isto é muito fácil, pois a bebida verdadeira tem gosto de fumaça de trufa (uma espécie de carvão vegetal) e não irrita a garganta. O falsificado, além de irritá-la, provoca dores de cabeça após poucas horas de seu consumo.

Para o delegado Bento da Cunha, a melhor forma de se evitar beber uísque falsificado é comprar a bebida em importadoras, "pois são as únicas em que se pode confiar para a compra de um *scotch* legítimo". O delegado faz ainda um alerta: "Se alguém disser que tem uísque de contrabando chegado do Paraguai ou de Santos, desconfie. Hoje, os contrabandistas não investem mais em uísque e, pelo que apuramos, o que se bebe em São Paulo não passa de uma mistura feita no fundo do quintal".

Renato Lombardi, de São Paulo

Guarde bem estes bons conselhos:

Mesmo não sendo um *expert* em uísque, você poderá tomar algumas precauções que, de certa forma, provarão se o que você está bebendo é o puro *scotch* ou aquele preparado feito por Agenor ou Amadeu.

1) Compre sempre o produto em firmas conhecidas.

2) Verifique a garrafa. A do uísque estrangeiro tem dizeres no fundo, enquanto a feita aqui mesmo, pelos falsificadores, é lisa e cheia de pintinhas salientes.

3) A coloração do uísque escocês é escura, quase igual ao chá. A da bebida

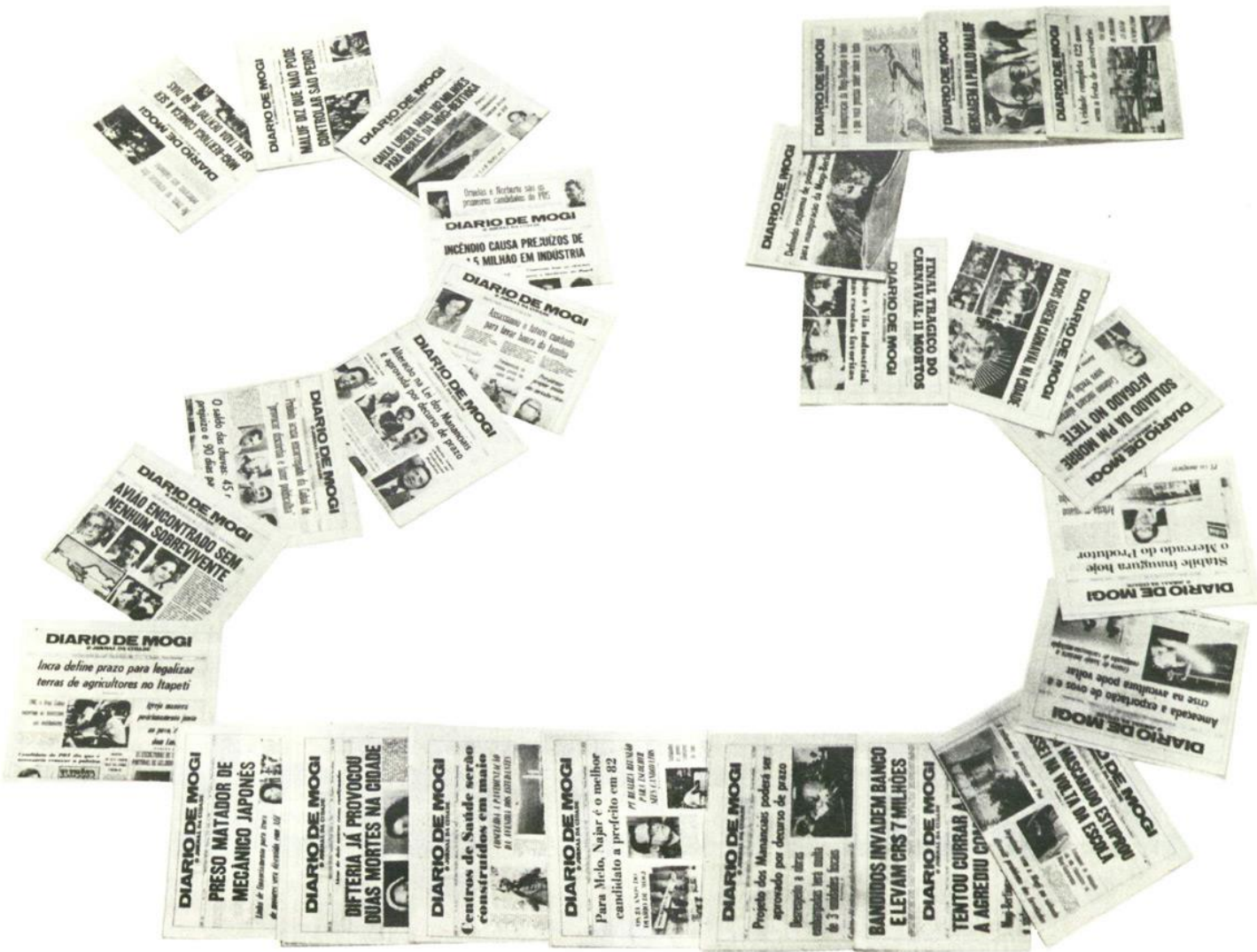
falsificada é clara.

4) Todo o litro de uísque falsificado, quando colocado de cabeça para baixo, mostra bolhas no líquido, o que nunca acontece com o original.

5) Mergulhar a garrafa na água, para ver se o rótulo sai. Se não for falsificado, o rótulo demora uns três dias para sair.

6) No rótulo do uísque escocês a linha-d'água aparece contra a claridade. Os rótulos falsos são lustrosos, sem a linha-d'água, e a impressão é falha.

Finalmente, um aviso de todos os policiais que há muito tempo vêm tentando controlar a venda e o consumo de bebidas falsificadas: a melhor forma de evitar que esse comércio se alastre é você sempre inutilizar a garrafa de seu *scotch*, pois ela poderá ser vendida e reutilizada pelos falsificadores.

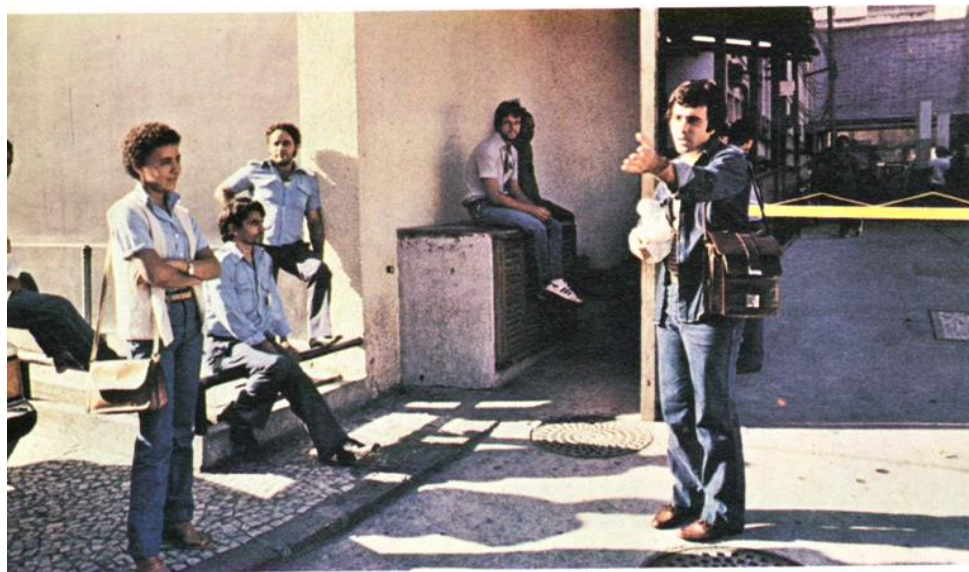


13 de Dezembro de 1982 será um dia muito especial. É que o Diário de Mogi completará 25 anos de existência. Quase ninguém sabe, mas são 25 anos que, dia após dia, noite após noite, muita gente está trabalhando duro para trazer até você a mais verdadeira história de sua cidade. São 25 anos que jornalistas correm sem cansar pelas ruas à procura de fatos e acontecimentos, voltam rápido para a redação, preparam a matéria, selecionam as fotos e passam para o estúdio revelar, os diagramadores montam as páginas, entregam textos para a composição, fazem revisão, ficam horas aprontando máquinas e material de impressão. E são 25 anos que esse pessoal faz tudo isso com muita vontade, dedicação e a mesma euforia com que foi feito o primeiro número.

DIÁRIO DE MOGI

Rádio e Jornal





Tony Ramos: ídolo projetado nacionalmente pela força da Rede Globo...



como Cristiane Torloni, nova musa.

O sonho global

Como em Hollywood, o quartirão onde está a Rede Globo de Televisão, no Jardim Botânico, Rio de Janeiro,



também vive a agitação dos fãs, candidatos à glória, ou simples curiosos. É o mercado da ilusão.

Trabalho na Globo!

A personagem Bozó, de Chico Anísio, define bem a importância e o orgulho com que os funcionários da Hollywood brasileira ostentam em trabalhar na Globo. Eles exibem o crachá que carregam no peito — como uma condecoração de plástico — até fora do bairro do Jardim Botânico, na zona Sul do Rio de Janeiro, onde está encravada a sede da maior rede de televisão comercial do Brasil e a quarta do mundo. Constituída por cinco emissoras geradoras, 41 afiliadas e centenas de transmissoras por todo o País, ela leva o seu sinal a mais de 3.200 dos 4.011 municípios brasileiros. É o *plim, plim*. Atinge 95% dos 17 milhões de domicílios com TV existentes no Brasil, o equivalente a um universo potencial de 80 milhões de telespectadores. Ocupa uma liderança tão destacada no mercado brasileiro que, no horário nobre, sete em cada dez aparelhos de TV estão sintonizados na Globo em todo o território nacional.

Tamanha estrutura e tanto poder — o próprio presidente da República não hesitou em estreitar um programa em seu horário nobre — acabaram gerando um mercado paralelo de emo-

ções e ansiedades dignas de um inatingível Olimpo, onde todos, de Roberto Marinho a Bozó, ostentam seus crachás. Adir Mara, fotógrafo primeiro de *Amiga* e agora da *Revista da TV* do jornal *O Globo*, conhece bem o fascínio que a televisão exerce e coleciona histórias fantásticas de admiradores incondicionais da impessoal máquina de criar emoções. Flagrada certa vez na porta da emissora de máquina fotográfica no pescoço e o indefectível crachá identificador, foi de imediato abordada por um ansioso casal com o filho no colo, que a todo custo queria visitar os sonhados corredores, argumentando que para isto viajaram de longe. Diante da impossibilidade da autorização — Adir teve de resistir até às súplicas do insistente casal —, contentaram-se, por fim, com uma foto ao lado da jornalista, desde que aparecesse com destaque o crachá, “para mostrar que realmente estivemos na televisão”, avisaram.

O movimento na rua Paheco Leão, Von Martius, Lopes Quintas, Jardim Botânico, o quartirão da fortaleza global, é grande. Parece que todos trabalham na Globo, vivem de

seus serviços, ou mesmo do sonho de um dia surgirem no vídeo. Os próprios funcionários chamam de “Pátio dos Milagres” o local defronte ao *Restaurante, Padaria e Café Século XX*, onde se toma, por dia, nada menos que 4 mil cafezinhos. Ali aparecem os que querem um lugar ao sol, tocar nos artistas, pedir dinheiro a atores confundidos com milionárias personagens das novelas ou apenas os que buscam uma “pontinha”. A agência *Par*, que trabalha diretamente com as novelas, já colecionou fichas de mais de 10 mil pretensos artistas vindos de todo o Brasil, principalmente do Nordeste, Minas e Rio Grande do Sul, com a certeza de que sua bagagem basta para conquistar, num passe de mágica, um *close* das exigentes câmaras e a glória de participar do jantar de milhões de lares brasileiros, lógico, “na novela das oito”. Chegam convictos de que um rosto e um corpo bonitos são suficientes. Às vezes nem isso têm. Analfabetos contam-se às centenas. Todos, enfim, são movidos pela ilusão.

MADE IN BRAZIL — Consciente de sua im-



portância para a integração do País, a Rede Globo nacionalizou a sua programação a tal ponto que se tornou um caso único no mundo. No horário das 17h30 às 23 horas, apenas 16,2% da sua programação é estrangeira. Os 83,8% restantes são totalmente criados e produzidos pela própria Globo. A cada dia cresce em sua programação o número de *shows*, espetáculos musicais, humorísticos, novelas e edições jornalísticas que ela realiza. Sua estrutura de produção não tem precedentes no País.

Este ano a emissora partiu para os chamados espetáculos populares, com as variedades do *Cassino do Chacrinha*, o humor do *Balança mas não Cai* e os relatos dramatizados do *Caso Verdade*. É uma faixa que não vinha sendo ocupada nos últimos anos, o que gera discussões, todas baseadas na hipótese de a empresa estar caminhando para uma linha definitivamente popular, mais próxima, na verdade, do populareco, apelativo e até sensacionalista.

Para "Boni", José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, um dos inatingíveis "donos" da Globo, a intenção da programação é avançar em direção à classe D, nos horários noturnos. "Na faixa nobre, das 17h30 às 22 horas, não se altera nada. Ali temos 70% do mercado da TV brasileira e vamos manter essa posição. A programação passa a ser mais abrangente, mais diversificada, em termos de oferta de público, ao mesmo tempo em que é mais competitiva e melhor qualificada." Valiosíssimo mercado, este. Uma revista econômica pesquisou com base em 1980 e constatou que a televisão em geral absorveu 56% do mercado publicitário no País, sendo que a Globo ficava com 40,8% desse total, o que, traduzido em dinheiro, significa que em cada cruzeiro 40 centavos iam para o Jardim Botânico.

ESPERAR A GLOBO - Só o jornalismo representa 45% dos custos totais da produção da Rede Globo. Com sucursais próprias nos Estados Unidos e Europa, estúdios e pequenos centros de produção de notícias e tendo mais de 500 profissionais espalhados pelo Brasil e pelo mundo, a Central Globo de Jornalismo realiza uma cobertura completa de todos os fatos que constituem notícia. Sua divisão de esportes exibe para o telespectador brasileiro os eventos mais significativos na área nacional, e na internacional são impressionantes as atuações da emissora - foi exemplar na cobertura exclusiva da Copa, como nas Olimpíadas, corridas de Fórmula 1 e finais de tênis. Sua intenção é agora entrar firme nas concorrências internacionais para geração de imagens de grandes eventos. Na Espanha, ela gerou a própria imagem e na Colômbia, se a Copa for lá mesmo, em 1986, quer produzir toda a transmissão, uma vez que os grupos



O mundo que gira ao redor das cores da Globo...



traz lucros para muita gente...



e status para muitos que...



jamais sonharam um dia em...



chegar tão perto do sucesso

internacionais maiores que ela, ao que parece, não têm nenhum interesse e *know-how* em

futebol. Nada menos que 1.400 minutos semanais de informação transferem a 80

LAVAGEM



Rua Ipiranga, 383 - Tel.: 469.3720

milhões de brasileiros o conhecimento de quase tudo que se passa no País e no Exterior. Por isso, apenas a folha de pagamento do Núcleo de Jornalismo – Rio é de cerca de 30 milhões de cruzeiros. Para se ter idéia, a contribuição sindical este ano para o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro foi de 900 mil cruzeiros.

O gerente da agência já teve de gastar, por exemplo, intermináveis horas de conversa e mesmo o dinheiro da passagem de volta para convencer uma obstinada baiana que, para tentar a carreira, abandonou até o marido com três filhos em Salvador e foi bater à porta do sucesso. “Dei o dinheiro para sua passagem de volta” – conta o gerente – “e ela simplesmente não embarcou. Por três meses insistiu, perambulando por aí, até que, de novo, financiei seu retorno, com o cuidado de colocá-la dentro do ônibus para Salvador.” Por ironia, às vezes, ocorre o contrário: certa vez, um simples vendedor que calmamente tomava um cafezinho viu um funcionário da produção caçando figurantes puxar-lhe apressadamente sem maiores explicações, meter-lhe um jaleco e colocar-lhe, em minutos, sob as luzes dos refletores dos sonhados estúdios.

“LUANA” DUARTE – De

cabelos pretos, compridos, uma toca vermelha de crochê na cabeça, batom tipo boquinha, óculos e um sinal feito a lápis na maçã do rosto, Paulo Jerônimo, a “Paula”, é uma personagem que nunca apareceu no vídeo. “Gosto de andar por aqui, ver as pessoas, luzes, cores, ver o Cuoco, a Lu-

ana (Regina Duarte). Gosto de me ver assim.” Os artistas, os mais comunicativos, passam pela rua, perto de Paulo Jerônimo. Lima Duarte, o “Zeca Diabo” de *O Bem Amado*, conversa distraído com alguém que se aproxima. Paulo Gracindo, de abrigo *Adidas*, passa de mãos dadas com sua mulher, e os freqüentadores do pátio comentam: “30 anos mais jovem que ele”. Cumprimenta, simpático. Vai direto ao *Kalil* comer um quibe. Além desse bar e do *Século XX*, há o *Petit Four*, que vende doces e salgadinhos, e o *Botanic*, de Ricardo Petraglia, freqüentado pelos autores. O *Calamares* é onde o pessoal do jornalismo faz ponto. Os bares são todos freqüentados por caras conhecidas e desconhecidas. Os repórteres que cobrem o setor dizem que os artistas famosos já estão mais solícitos. Certo que *Luana*, ou Regina Duarte, ainda se conserva intocável, mas Francisco Cuoco e Tarcísio Meira já dão até bom-dia.

PADRÃO DE IMAGEM – César Motta, que trabalhou como repórter de rua no jornal *Hoje*, diz que é assustadora a relação que se cria a partir da imagem daquele que aparece na tela das TVs. “Quando a equipe chegava ao local onde teríamos de focalizar qualquer

fato jornalístico, eu ficava com os bolsos cheios de números de telefones.” Fora do serviço, César saía com os amigos para algum bar, enfrentava de novo o problema, “inclusive com colegas que queriam conquistar mulheres nas minhas costas”: “Olha aqui o César, meu amigo, vocês não o viram hoje na Globo? Eu ficava envergonhado”. Sentado em uma das poltronas que ficam no corredor dos camarins, o ator Adalberto Paiva Guimarães, que trabalha no jornal *Nova Era*, na novela *Homem Proibido*, está começando e, como diz, “louco para saber o resultado desse trabalho duro, iniciado pedindo uma pontinha aqui, outra ali”. Invejável para muitos é sua

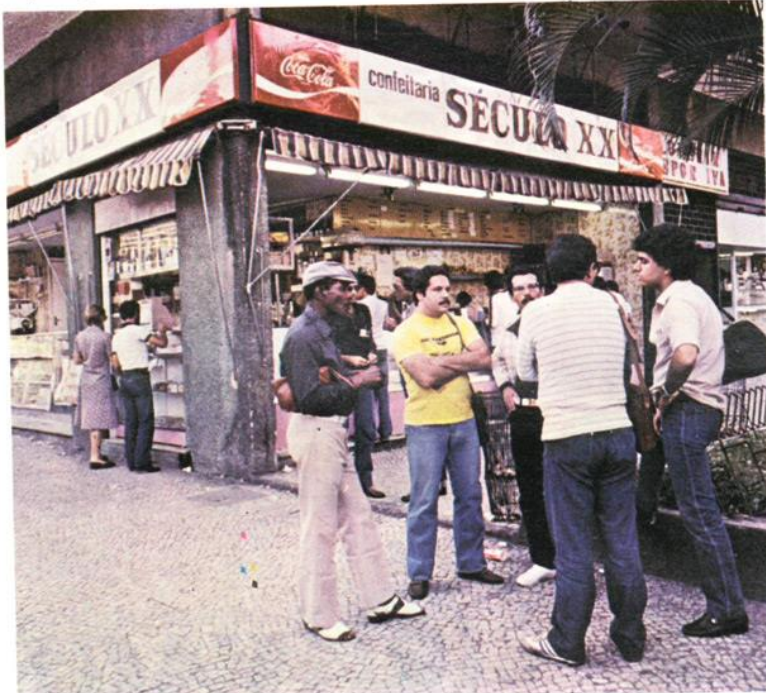
local. O repórter, o cinegrafista, um auxiliar e, em alguns casos, até o segurança. Mas essa equipe é apenas um número entre os 4.100 funcionários que trabalham na Sede-Rio. Nas suas cinco estações geradoras, a Rede Globo emprega no total 7 mil profissionais, criando mais de 35 mil empregos indiretos.

Nas novelas *Paraíso*, *Elas por Elas* e *Sétimo Sentido* trabalham 200 pessoas; *Caso Verdade* e *Sítio do Pica-pau Amarelo*, 30; *TV Mulher*, 10; 20 no jornalismo; 40 na reprise de novelas; *Telecurso*, 5; 60 nos humorísticos; 20 em *O Bem Amado*; 5 no *Globo Repórter*; 20 no *Chacrinha*; 5 no *Globo Rural*; 10 em

Som Brasil; 10 na *Geração 80*; 20 no *Balança*; 15 em *Os Trapalhões*; e 20 na superprodução do *Fantástico* – extensa lista, onde os números representam apenas as pessoas que aparecem no vídeo.

A programação da televisão no Rio de Janeiro vai das 7 horas da manhã, com o *Telecurso*, até às 3 horas do outro dia, com um filme *Coruja Colorida* encerrando os trabalhos. Mas São Paulo não pára. Nos fins de semana há filmes e *flashes* de reportagens a noite inteira. Talvez por isso o faturamento seja bem maior. Um anúncio de 30 segundos no *Jornal Nacional* para todo o Estado de São Paulo custa quase Cr\$ 1,5 milhão, enquanto só na Capital passa de Cr\$ 1 milhão.

Pedro Guerra, do Rio



O símbolo da emissora, um troféu de raro valor

posição hoje, ali já nos corredores. Mais ainda, porque Reginaldo Farias passa e balança a cabeça cumprimentando o ator iniciante.

Sandra Bréa, sem maquiagem, caminha decorando um texto. Nas portas dos salões de cabeleireiro e de maquiagem, funcionários assistem ao desfile das celebridades nos intervalos de seu trabalho. Está sem dúvida revolto o rapaz de cara lisa e bonita, gestos um pouco femininos, que fala alto pelos corredores: “Eles querem me derrubar, mas eu tenho talento”. Um veterano jornalista que conhece bem esses corredores, de onde saem todas as notícias, diz convicto que é ali, onde todos passam sempre decorando textos, puxando máquinas, enfim, correndo, onde reina a maior tensão. “É uma verdadeira casa de loucos”, diz.

Não é por acaso, portanto, que não se começa uma entrevista coletiva sem que os homens do *plim, plim* estejam presentes. O secretário de Obras do Rio de Janeiro, Emílio Ibrahim, é um dos que não dá entrevista nem mostra as obras se a TV Globo não estiver no

**EBOLI – PARTICIPAÇÕES
E SERVIÇOS IMOBILIÁRIOS**

Projetos Comerciais e Residenciais
Administração e Execução
Administração de Bens

Arquiteto Responsável – Vânia Eboli
C.R.E.A. nº 64.626/D

Pça. João Pessoa nº 38 - 2º and. - s/6
Tel. 469-9814 - Moji das Cruzes - SP

Artes & Espetáculos

TEATRO

Mariângela Alves de Lima

Amor solidário

É Puig chegando ao coração do teatro.

O que é melhor: o livro ou o filme? O que é melhor: o livro ou a peça? A peça, acho eu, uma vez que não consegui evitar a comparação. Manuel Puig é um autor que vende bem as suas histórias sensíveis, embrulhando-as num envoltório barroco de imagens trabalhadas até o mais insignificante detalhe. Nos seus livros as cenas se dissolvem e muitas vezes se superpõem pela identidade com a linguagem fílmica que ele confessadamente admira e reverencia nos seus livros.

Ainda em estado de livro, "O Beijo da Mulher Aranha" arrasta essa carga um tanto pesada de homenagem ao universo romântico dos filmes de outrora. A personagem do homossexual "Molina" define-se através da narrativa que faz dos seus mitos. Na peça em cartaz no *Teatro Ruth Escobar*, em São Paulo, Puig despoja "Molina" dos seus delírios cinematográficos, coloca-o frente a frente



José de Abreu e Rubens Corrêa, sem acessórios.

com o outro homem da cela. Os prisioneiros estão sós para construir no tempo do espetáculo uma relação humana feita apenas do essencial.

A urgência do tempo dramático eliminou os acessórios que o livro utiliza, descobrindo, assim, outra história mais importante talvez do que os clichês sobre o ascetismo dos militantes ou a futilidade compulsória dos homossexuais. No espetáculo vê-se apenas a ilha intemporal em que a cela se transforma. Dentro desse espaço da adversidade pode surgir

outra forma de amor, um amor feito de solidariedade e compaixão, pondo à margem todas as diferenças da história pessoal dos protagonistas. Criando uma situação em que a história (o passado) se torna cada vez menos importante diante da relação (o presente). Puig chega ao coração do teatro. Nada interessa tanto ao teatro como os pequenos ritos que compõem a passagem entre a convivência e o amor.

Esse é o núcleo que emociona tanto dentro de um espetáculo que não pode ser definido por menos do que impecável. Como espectadores, podemos participar dessa relação humana que progride ante os nossos olhos. Há no palco um movimento completo que nos desobriga de referências, analogias ou outras incursões pelo mundo das idéias. Num certo sentido somos pessoalmente gratificados porque a cerimônia do amor se completa, apesar da violência que destruirá esse momento fora do tempo do teatro.

A economia das situações dramáticas é o traço distintivo do espetáculo dirigido por Ivan de Albuquerque. O que interessa ao espetáculo é o trabalho dos atores marcando a progressão interior dos sentimentos através da modulação das palavras, de alguns olhares e de pequenos gestos que formam a ponte em direção ao outro. E são esses grandes atores que nos fazem compreender melhor por que o palco é um lugar especial.

Informe publicitário

Apresentamos o mais eficiente contador da cidade, o Sistema 700.

O novo computador vai ser a memória de sua empresa. E com ele a folha de pagamento sai em algumas horas.

As empresas de Mogi das Cruzes e região já não precisam enviar para São Paulo suas informações sobre contabilidade, departamento pessoal e assuntos correlatos para serem computadorizadas. A Contamec - Contabilidade Mecanizada -, que há quatro anos atua na área de processamento de dados, garantindo aos seus clientes a certeza de um trabalho preciso e de elevado nível técnico, adquiriu o moderno computador Sistema 700 da Prológica, capaz de executar grande variedade de serviços com muita rapidez.

Com sua característica de alta velocidade, o novo equipamento, instalado no próprio escritório, à rua Tenente Manoel Alves, 191, pode elaborar a folha de pagamento de um funcionário em apenas 20 segundos, a partir do resumo de dados sobre o assunto, enviado pela empresa. Além da rapidez, o trabalho é completo, pois as folhas são entregues ao cliente com a emissão dos holerites de pagamento. Estes elementos permanecem registrados e podem ser consultados a qualquer momento, como em casos de dispensa ou afastamento do funcionário, obtendo-se imediatamente um relatório detalhado. Ao final do exercício, podem ser listados os dados sobre rendimentos do Imposto de Renda, Rais e outras informações.



Para a execução da folha de pagamento de uma média empresa que possua, por exemplo, cerca de 600 funcionários, era preciso contar com boa equipe de trabalho, capaz de efetuar com exatidão todos os complexos cálculos envolvidos neste tipo de serviço, porque precisam ser levadas em consideração as tabelas do Imposto de Renda, salário-família, Iapas, horas extras e adicionais diversos - conta Alfredo Campolino, satisfeito por poder contar com a ajuda do Sistema 700.

Agora, a mesma tarefa, que para ser desenvol-

vida exigiu muito esforço de uma equipe durante dias seguidos, pode estar concluída algumas horas depois de ser entregue à Contamec, evitando aborrecimentos com custos elevados e com o transporte dos dados para a Capital, onde por muito tempo as firmas de Mogi das Cruzes precisaram procurar por este serviço.

AVANÇO TECNOLÓGICO

Alfredo Campolino, que operando com microprocessadoras desenvolve este tipo de trabalho há quatro anos, fala sobre o computador da Prológica, destacando a sua importância para a cidade, caracterizada principalmente pelo seu amplo parque industrial. "Foi o crescimento da cidade e do seu número de indústrias que exigiu a utilização de um aparelho moderno, rápido e preciso na área da contabilidade".

Atualmente - acrescenta -, os computadores são amplamente utilizados por sistemas financeiros, laboratórios médicos, universidades e até mesmo para organizar informações sobre loterias esportivas, possuindo maior utilidade ainda no setor contábil, por estar diretamente relacionado a muitos itens e numerações.



Com "Poltergeist", uma certeza: novos recordes batidos.

CINEMA

Rubens Ewald Filho

O novo mago

Spielberg é garantia de grandes bilheterias.

Prepare-se para decorar o nome: Steven Spielberg. Daqui até o fim do ano este nome será cada vez mais repetido, é muito provável até que ele venha a ser o grande vencedor dos próximos Oscars (que só serão distribuídos em março do ano que vem). Tudo isso porque Steven aos 34 anos é a nova sensação de Hollywood.

O que mais se pode dizer de um diretor que consegue colocar três filmes seus entre as cinco maiores bilheterias de todos os tempos: *Tubarão*, *Caçadores da Arca Perdida* e *E.T.* – *Extra-Terreno em sua Visita à Terra* (que em menos de dois meses já está ameaçando o supercampeão *Guerra nas Estrelas*)? A verdade é que seu nome passou a ser sinônimo de diversão certa, o público já o reconhece como garantia de entretenimento de qualidade.

Spielberg só fez um filme que não foi sucesso: a comédia *1941* (que demonstrou que o humor não é seu forte). Mas todos os outros trabalhos estão na lista das melhores produções dos últimos anos: *Encurralado* (feito originalmente para a tevê, mas lançado nos cinemas como sucesso), *A Louca Escapada* (que ganhou prêmio em Cannes) e principalmente *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*.

E.T. foi rodado com o título de *A Boy's Life* (a vida de um garoto) e não deixa de ter um lado autobiográfico. Como o garoto do filme, Steven cresceu num subúrbio tipicamente americano. Seu pai era um engenheiro de computadores, sua mulher, uma pianista clássica. Com 12 anos, ganhou uma câmara e começou a fazer fitas amadoras. Com 18 anos, depois de realizar um curta-metragem (*Amblin*) e um estágio na Universidade de

Long Beach, ele conseguiu enganar os guardas do estúdio da Universal, passando-se por sobrinho de um alto executivo. Frequentou o lugar durante mais de um ano até ser descoberto. Mas ficaram tão impressionados com sua ousadia que, aos 21 anos, ele estreava dirigindo Joan Crawford num dos episódios de *Retrato de um Pesadelo* (69). Hoje, a maior parte de seu trabalho para séries de tevê (*Columbo*, *Os Audaciosos*, *O Psiquiatra*) foi reunida em longa-metragem e circula em nossa tevê à custa de seu prestígio.

Mas, depois do fracasso de *1941*, Spielberg teve a sorte de aceitar a oferta de George Lucas para dirigir *Caçadores da Arca Perdida*, considerado o melhor filme de aventuras de sua época. Ao mesmo tempo já estava planejando dois trabalhos simultâneos, um apenas como produtor executivo – *Poltergeist*, o *Fenômeno* –, dirigido por Tobe Hopper, e *E.T.*

Ambos foram lançados simultaneamente nos EUA em junho deste ano (embora aqui *E.T.* só deva chegar no Natal com enorme promoção) e têm muita semelhança ao retratar uma visão otimista da juventude, quase à moda de Walt Disney. *Poltergeist* (literalmente fantasmas barulhentos) é uma história de terror, onde uma família luta para salvar a menina que foi tragada pelos fantasmas que vivem dentro da tevê. A intenção é muito clara: assustar o espectador.

Já *E.T.* vem na linha de *Contatos Imediatos*. Um menino (Henry Thomas), com o apoio do irmão mais velho (Robert MacNaughton) e da irmã (Drew Barrymore), ajuda seu melhor amigo: um feio ser extraterreno que foi deixado por engano na Terra por um disco voador. Embora os efeitos especiais sejam para ninguém botar defeito, *E.T.* é extraordinariamente popular porque Spielberg conseguiu a fórmula mágica de atingir adultos e crianças, todos eles se emocionando com a aventura (e até derramando indiscretas lágrimas ao final). Por isso que hoje Spielberg é chamado de genial – o único diretor capaz de devolver ao cinema de Hollywood a sua antiga magia.

DISCOS

Sérgio Vaz

Glória dividida

Milton nunca quis ser o astro único.

A discografia de Milton Nascimento é um fascinante inventário de generosidade, companheirismo e partilha. Um dos mais respeitadas e populares artistas da música popular brasileira, esse mineiro nascido no Rio jamais quis ser o astro único de seus discos, assim como de seus shows. Seu repertório abriga, em doses iguais, suas próprias composições (em parceria com diversos outros autores) e canções alheias. Os músicos que o acompanham sempre tiveram dele todo o incentivo para estabelecerem carreiras independentes (e vários deles já obtiveram sólidos êxitos e reputação longe da estrela maior, como Wagner Tiso, Nivaldo Ornellas, Beto Guedes, Lô Borges e Tavito, para citar só alguns).

Mesmo a posição que em geral ocupa maior destaque para o público – a de cantor –, Milton Nascimento sempre compartilhou com os amigos. Desde os grandes astros, como Chico Buarque de Hollanda, Elis Regina e Mercedes Sosa, até os que anos atrás eram bem menos conhecidos pelo grande público, como Lô Borges, Beto Guedes, Toninho Horta, Tavinho Moura, Flávio Venturini, *Boca Livre*, o grupo chileno *Água*, os *Canarinhos de Petrópolis*, os desconhecidos *Kiko e Cristiano*. Isso tudo nos discos do próprio Milton. Além disso, ele várias vezes emprestou sua voz e seu prestígio a discos de nomes menos conhecidos, além de se dedicar a produzir discos de grupos novos, como o mineiro Uakti.

Nos tempos sombrios do início da década de 70, ele não se furtou nem mesmo a fazer um disco em parceria com a censura: com a proibição da grande maioria das letras do seu LP *Milagre dos Peixes*, de 1973, Milton Nascimento encheu o vazio com vozes duplicadas, gritos, efeitos e instrumentos, produzindo belíssima (embora triste e sofrida) obra-prima.

A generosidade do grande artista, essa sua invejável capacidade de dividir o centro do palco, chega ao ponto máximo, neste que é o 16.º LP de sua carreira, *Missa dos Quilombos*, lançado há pouco pela *Ariola*. Nele, a privilegiada voz do cantor – sem dúvida nenhuma uma das mais belas vozes da música brasileira – aparece em apenas três faixas. Em outras sete, os canais centrais da gravação estão ocupados por um coro de vozes inteiramente desconhecidas do grande público (Sérgio Santos, Edir Passos, Alexandrino Du-



Na "Missa dos Quilombos", a mesma lição de companheirismo.

carro, Marquinho Preto, entre outros).

O grande cantor empresta o peso de seu nome e sua enorme popularidade ao disco inteiro, mas pede licença para ficar, a maior parte do tempo, nos bastidores, longe dos *spotlights*, embora nem por isso em funções menos importantes. O grande cantor cede a vez ao grande compositor: são dele todas as (belíssimas, é claro) melodias que emolduram os versos vigorosos, enérgicos, muitas vezes abertamente (por que não?) panfletários, escritos por d. Pedro Casaldáliga, bispo de

São Félix do Araguaia, e pelo poeta Pedro Terra. Assim como são dele os arranjos e a regência de vozes e instrumentos. (A impressionante e riquíssima percussão, executada por nada menos que cinco músicos, foi dirigida por Robertinho Silva, veterano companheiro de Milton.)

Ao vestir com sua música (e aqui ela está, mais do que em todas as suas outras composições, negra, africana, de ritmo forte, marcado) os versos de Pedro Casaldáliga e Pedro

Tierra, o compositor conseguiu um resultado impressionante, uma fantástica unidade, uma profunda integração música-letra. Assim como o poeta João Cabral de Mello Neto diz que não se consegue lembrar dos versos de seu *Morte e Vida Severina* sem associá-lo às melodias que Chico Buarque de Hollanda compôs para eles, certamente também os dois Pedros jamais conseguirão imaginar o texto que escreveram sem a música posteriormente composta por Milton.

O que, na verdade, não chega a ser surpresa, para quem conhece a arte de Milton Nascimento, pois a essência de seu trabalho é esta mesma, exatamente aquilo que ele prega em suas letras: a obra feita em conjunto, em grupo, baseada não na vontade de brilhar, de ser estrela, mas no companheirismo, na generosidade, na comunhão.

É reconfortante ver que, nos discos recentes de Milton Nascimento — ao contrário do que acontecia no início dos anos 70 —, podem ser cantadas as idéias, suas e de seus amigos e parceiros, sobre justiça, liberdade, igualdade, utopia, libertação dos oprimidos. É gratificante ouvir, ao final da **Missa dos Quilombos**, o discurso entusiasmado de d. Hélder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife, que esteve banido do rádio, da televisão e dos jornais desde o já distante 1964.

Informe publicitário

Ceraísto - Bar Café

Uma nova proposta de lazer está sendo oferecida aos mogianos pelos proprietários do Ceraísto - Bar Café, instalado à rua Ricardo Vilela, 1.352, onde a preocupação com o atendimento é tão grande quanto a de manter uma excelente equipe de profissionais e promover atividades culturais, com o total aproveitamento de seu espaço.

Inaugurado no dia 17 de junho por um grupo de seis amigos, somente dois deles, Maurício Arias e Rafael da Cruz, permanecem na sociedade. E, sem terem alterado os objetivos propostos inicialmente, eles acreditam que através de uma programação variada, de terça-feira a domingo, será possível mudar o costume mogiano e trazer as pessoas para conversar e ouvir boa música brasileira, mesmo durante a semana.

Para manter esta programação diversificada, o Ceraísto conta com o trabalho de três músicos: Celso Andrade, Moreno e Valdir Ladislau, que se revezam, apresentando músicas de Djavan, Milton Nascimento, Caetano e Vinícius de Moraes, entre muitas outras. E, por considerarem necessária a renovação constante dos gêneros musicais, Maurício e Rafael têm promovido apresentações de com-

positores mogianos e convidados especiais, como o grupo chileno Latino-América, que foi muito bem recebido pelos frequentadores do Bar Café.

ESPAÇO PARA CULTURA

Depois do lançamento de um poster-poema, o Ceraísto abriu a exposição do artista plástico Jam - José Antônio de Moraes -, 37 anos, nascido em Salesópolis e que já expôs seus quadros na Galeria Sobrado, em São Paulo, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e na Galeria Padovani de Veneza, entre várias outras do Brasil e Exterior.

A amizade de 14 anos garante o perfeito entrosamento entre Maurício e Rafael, industriários que dividem o dia-a-dia entre as duas funções, mas que não deixam de destinar grande atenção ao bar e já falam sobre a breve promoção de um concurso de poesia, destacando a sua importância, pois "poderemos revelar novos valores e auxiliar a projeção de artistas da cidade, o que garante um espaço maior para a nossa cultura".

Obra: PIONEIRA 873



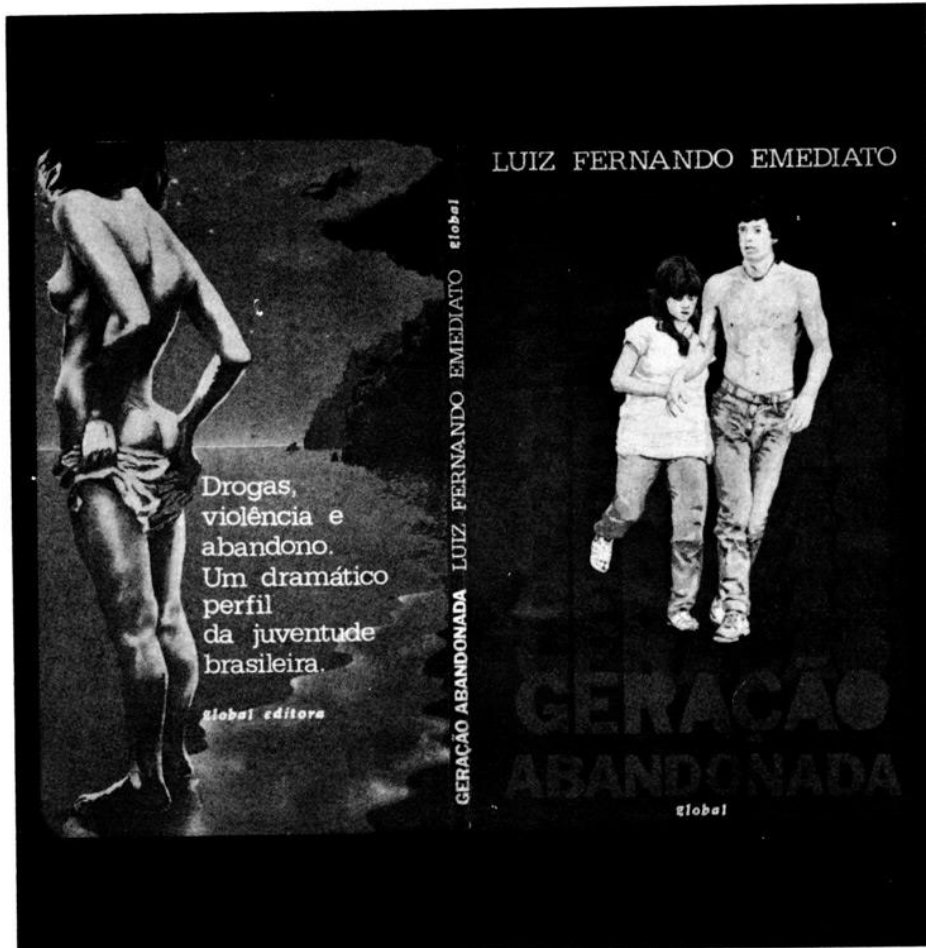
Farrapos jovens

Nossos drogados são mais de 6 milhões.

Durante quase três meses, no início deste ano, o escritor e jornalista Luiz Fernando Emediato – de *O Estado de S. Paulo* e colaborador de *ATO* – conviveu com grupos de jovens, no Rio e em São Paulo, usando drogas, acampando em praias desertas, participando das mais livres, angustiantes e paradoxalmente alegres experiências. Seu relato – a série de reportagens intitulada *Geração Abandonada* – foi publicado em sete jornais brasileiros, em maio. E acaba de ser transformado em livro, pela *Global Editora*, em associação com *EMW Editores*, um novo selo editorial.

Geração Abandonada, segundo o jornalista Percival de Souza – que assina a apresentação do livro – “surge numa época certa, quando todos falam e ninguém se entende. O resultado dessa verdadeira investigação é surpreendente, e por vezes estarrecedor”. Emediato percorreu os caminhos da droga, mas não se limitou a narrar suas experiências com ela: revelou também *por que* os jovens se drogam, preocupando-se mais com as causas do que com as conseqüências desse vício alienante. Ao lado disso, uma revelação espantosa, proporcionada por uma pesquisa aplicada em oito capitais do País: existem no Brasil seis milhões de jovens (entre 15 e 24 anos de idade) que se drogam.

Geração Abandonada está dividido em duas partes: na primeira, o relato pessoal, em tom de quase ficção, como se fosse um romance – a história das personagens trágicas e desesperadas com as quais Emediato conviveu. Seria um romance chocante, e apenas isso – se fosse um romance. Mas, quando se descobre que todas as histórias são reais, e as personagens estão vivas (algumas já condenadas à morte, porém), o choque é maior. A segunda parte – que interessa principalmente



Depois de três meses de convivência, um cruel retrato de nossa juventude.

a estudiosos – contém a pesquisa, com estatísticas preocupadoras.

Como afirma Emediato, existe, no Brasil, uma geração de jovens que a sociedade abandonou, com prejuízos para todo o País, pois será esta geração, afinal, que no futuro deverá assumir seu lugar e seu papel na condução desta mesma sociedade. E pior ainda: esta geração de jovens abandonou-se a si própria, alienando-se ou drogando-se. Apáticos, desorientados, diz Emediato, eles gostariam de ajudar a construir um mundo melhor, uma sociedade mais justa, mas não encontram

espaço para realizar seus anseios. Os resultados são previsíveis.

Geração Abandonada – cujas duas primeiras edições se esgotaram em menos de um mês, transformando-se num imprevisto *best-seller* – está sendo lido por adolescentes, pais, professores e especialistas. Religiosos, católicos e não católicos, elegeram este livro para discussões em grupos de jovens. E ressaltam sempre sua principal qualidade: não é um discurso autoritário e moralista. É, como deixou claro, por exemplo, um pastor luterano, um livro escrito não só *para* os jovens, mas *sobre* os jovens e *com* os jovens. Tem uma mensagem de esperança que o jovem – avesso a discursos autoritários – não recusa.

“Os drogados, paradoxalmente, como você descobrirá lendo este livro”, diz ainda Percival de Souza na apresentação de *Geração Abandonada*, aspiram a um absoluto; querem viver e... querem morrer, explodindo de muita impaciência, gostando de dar a seu corpo a sensação finita e, como nos ensinou outro especialista, Giovanni Mastropaolo, eles querem a dimensão da ordem e a poesia das estrelas.” Luiz Fernando Emediato, como já disse um crítico literário, desceu aos infernos para escrever este pungente relato. Cabe agora à sociedade inteira – pais e filhos, professores e autoridades – ler este documento e decidir: o que fazer, diante de tão amarga tragédia?



ESQUEÇA TODAS AS BOUTIQUES QUE VOCÊ JÁ ENTROU EM SUA VIDA.

LANÇAGE foge dos padrões que você já conhece. A começar pelo atendimento descontraído, num ambiente totalmente personalizado. E ainda, com exclusividade, etiquetas e acessórios em até cinco pagamentos sem nenhum acréscimo. Venha tomar um cafezinho com a gente.

LANÇAGE

Boutique

R. Prof. Flaviano de Mello, 1317 Fone: 469-8766 - MC



Após o jogo, a inesperada – e embaraçosa – troca de camisetas.

Gols de placa

Mais do que nos temas polêmicos, foi no campo que a mulher brilhou neste ruidoso festival.

Creches, legalização do aborto e oportunidades iguais foram algumas das reivindicações das mulheres vindas de três continentes para o *I Festival das Mulheres nas Artes*, organizado pela atriz e empresária de teatro Ruth Escobar, realizado em São Paulo e no ABC em mais de 40 locais diferentes. Por 10 dias, a produção feminina invadiu as ruas da Capital paulista, instalou-se em cinemas e teatros, exibiu-se em galerias e museus. Tudo isso para lembrar aos opositores que a mulher saiu definitivamente da periferia da cozinha e já se fez reconhecida imortal pelas academias de letras, impôs-se em comícios políticos e provou até mesmo que pode sacudir as galeras de qualquer estádio de futebol.

O Morumbi, com casa lotada, teve de se curvar diante das equipes de futebol feminino paulista e carioca, num jogo amistoso na preliminar de São Paulo e Corinthians. A princípio, ao serem anunciados os nomes *Pelezinha*, Carminha, Cândida, Margareth, *Pitchulouco*, Gorda, Suzy... as torcidas, surpresas, dividiam-se entre assobios e vaias. Indignada, Marina de Souza que acompanha o *Café Futebol Clube*, time base da seleção paulista, esbravejou: "Esses marmanjos estão pensando que as meninas são as mesmas vedetes que já se prestaram a fazer papel de palhaças, vindo a campo para distrair os machos antes do jogo. Os que assim pensam, vão cair do cavalo". Não houve dúvidas: Marina, a profetiza e líder da torcida na várzea, onde se costumam apresentar os 48 times femininos espalhados por todo o Brasil, teve 40 minutos para se divertir com o susto da torcida.

Com lances rápidos e bonitos que fizeram Valdir Peres levantar-se várias vezes do banco e vibrar com os gols, as paulistas e cariocas fizeram de tudo: driblaram, deram toques de calcanhar e até mesmo os famosos chapéus. O juiz Olten Aires de Abreu, que há 21 anos apitou o jogo inaugural, no estádio do Morumbi, não escondia sua satisfação em apitar a partida. Afinal, era a primeira vez que as mulheres, apesar de algumas jogarem há mais de 12 anos, estavam pisando o gramado de um clube profissional no Brasil. "Até agora só tivemos o reconhecimento lá fora", desabafa Rose, do Rio, capitã da equipe carioca. A seleção de futebol feminino do Brasil já arrancou aplausos na Espanha, onde se apresentou em vários campos e conquistou diversas vitórias.

O primeiro tempo da partida, apesar de as cariocas terem criado muitos lances de gol, terminou empatado. Mas no segundo tempo, com a troca de seis jogadoras, a seleção do Rio fez quatro gols em menos de oito minutos. Marinho, o lateral-esquerdo do São Paulo, dizia-se padrinho das equipes e convidava as meninas para um desafio. "Falo sério, estou pensando em me exibir ao lado delas". Serginho, centroavante são-paulino, também estava impressionado com a atuação, especialmente de Marilza (*Pelezinha*), que na sua opinião poderia integrar sem problemas uma equipe da primeira divisão.

Opinião do árbitro, Olten Aires de Abreu, que, deixando de lado sua sisudez, chegou mesmo a se divertir durante a partida, ajudando muitas das jogadoras a se levantar: "Claro que não fui tão rígido como sou com



Em campo, não faltou emoção.

os rapazes, mas isso não quer dizer que eu não tenha apitado com seriedade. Depois, seria ridículo, afinal eu estou diante de profissionais. *Pelezinha*, Vera, Elielza e a goleira Margareth jogam como os meninos". Por isso mesmo elas lutam para que a CBF regulamente o futebol feminino, praticado há muitos anos na Europa. Apesar disso, o jornalista francês Gérard Bedeu, da revista esportiva *Onze* de Paris, afirmou: "As jogadoras da França não jogam nem a metade do que eu acabo de presenciar por aqui. Registre tudo e pretendo fazer ampla reportagem no meu país".

Além de captar lances inéditos, o cinegrafista e fotógrafo francês e o público que lotava o Morumbi assistiram a uma cena inédita. Várias jogadoras, ao final do jogo, fizeram a troca de camisa, ficando somente de sutiã. Femininas ou feministas? Essa questão não foi respondida durante todo o festival, mas pouco importa. O fundamental é que todas as mulheres – de seis a 60 anos – contribuíram para o encontro, que, reunindo nomes como Annie Girardot, atriz francesa; Dacia Maraini, escritora italiana; Mercedes Sosa, cantora argentina; Domitila Barrios, escritora boliviana, entre dezenas de outros, terminasse numa grande vitória. Uma vitória sem placar definido, mas com alguns gols de placa, provando mais uma vez que a mulher já tirou seu time de campo, saindo dos limites estreitos do seu feudo – onde foi eleita a "rainha do lar".

Leonor Amarante

A Justiça Eleitoral e as eleições

José Elias Habice Filho*

A medida que se aproxima a data de 15 de novembro de 1982, aumenta a preocupação da Justiça Eleitoral com aquele que será o pleito mais demorado de todos os tempos em nosso país.

A começar pela votação propriamente dita, com nada menos que seis cargos para preenchimento, onde o eleitor deverá anotar o nome ou o número do candidato. A preocupação é facilmente explicável, pois em cada seção estarão funcionando três cabinas indevassáveis. Ora, nas eleições anteriores, com a utilização de uma só cabina, os trabalhos desenvolviam-se com lentidão, em razão do nível intelectual do eleitor e da pouca eficiência dos componentes da mesa receptora. Imagine-se o que ocorrerá agora, com três cabinas e seis cargos a serem preenchidos.

Pelo visto, no horário do encerramento da votação muitos ainda estarão no prédio sem o exercício do voto, compelida a mesa receptora a utilizar-se das chamadas senhas, desde há muito tempo não mais usadas.

Algumas seções terão condições de desenvolver o processo de votação com relativa rapidez, dada a experiência e o discernimento de seus integrantes. Entretanto, essa regra, infelizmente, não pode ser ampliada para outras, inobstantes os esforços dos juízes eleitorais no fornecimento de instruções. Há notória dificuldade na assimilação do conceito de voto em separado, o preenchimento da ata é uma verdadeira **via crucis** e a comunicação do número de votantes é sempre feita de maneira equívoca. Diga-se de passagem sobre a facilidade de desempenho desses afazeres.

Basta dizer que na eleição de 1978, a nível local, foi introduzida uma experiência pioneira, com a exibição de **slides** aos componentes da mesa receptora para elucidá-los. Os resultados foram frustrantes, dando a impressão de que nada fora dito.

A substituição desses elementos por outros não resolve, dada a ausência de outras pessoas gabaritadas na mesma seção. A utilização de eleitores de outra colidiria com a necessidade do voto em se-



«Este será o pleito mais demorado de todos os tempos em nosso país».

parado, verdadeiro tormento para os membros da mesa receptora, embora não haja nenhuma dificuldade nesse procedimento.

A solução, pelo visto, é a tradicional: instruções minuciosas, mormente nos pontos críticos notados nos últimos pleitos.

Outra preocupação séria é a decorrente da Lei n.º 6.091, de 15 de agosto de 1974, que dispõe sobre transporte gratuito, em dias de eleição, a eleitores residentes nas zonas rurais. Para esse transporte, a Justiça Eleitoral deverá contar com viaturas oficiais pertencentes à União, aos Estados, Territórios e Municípios e suas respectivas autarquias e sociedades de economia mista.

Pois bem, a nível de Mogi, se forem somados os veículos pertencentes às pessoas jurídicas de direito público acima referidas, não se chega a dez, o que, inegavelmente, é um número ínfimo para as dimensões e a população da zona rural local.

Por outro lado, as Prefeituras são as

maiores fornecedoras desse tipo de condução. A local não conta mais com automóveis de representação, só reunindo utilitários inadequados ao transporte de passageiros. Em caminhões, por óbvias razões de segurança, não se admite o transporte de pessoas. A requisição de veículos particulares, embora autorizada pela lei, é inviável, em virtude da falta de verba para a remuneração desse serviço.

Solicitar ao particular a cessão gratuita de viaturas será pedir demais, tendo em conta o alto custo do combustível. Ademais, nem o diploma legal citado contempla essa hipótese.

Pese-se, ainda, a circunstância de as experiências anteriores sobre transporte de eleitores não terem sido satisfatórias, ensejando diversas reclamações por parte dos próprios beneficiados. Entre as queixas, salientam-se: quebra dos veículos, poucos horários, desencontros e insuficiência de viaturas.

A solução será a não realização desse serviço.

Por fim, a última etapa: a apuração. De acordo com os cálculos dos cartórios eleitorais (são três, com igual número de juízes eleitorais), no dia 16 de novembro estarão trabalhando no Ginásio de Esportes do Clube Náutico cerca de 270 pessoas credenciadas pela Justiça Eleitoral, não estando incluídos nesse número o policiamento e os representantes dos partidos (fiscais e delegados).

Será morosa a apuração. Os mogianos não desconhecem o fato de que todos os candidatos a deputado recebem votos nesta cidade, ainda que seja só um. Cotejar essa peculiaridade com a vinculação partidária será tarefa árdua.

Além disso, para a apuração não sofrer solução de continuidade, será preciso fornecer alimentação a todo esse pessoal. A Prefeitura local, a exemplo de todas as outras, deverá arcar com a incumbência. Aliás, as Prefeituras prestam excelente apoio à Justiça Eleitoral em todo o Brasil.

As previsões mais otimistas estimam o término das apurações no dia 18 de novembro, pelo menos nesta cidade. Façam suas apostas.

* JOSÉ ELIAS HABICE FILHO é juiz eleitoral da 287.ª Zona – Mogi das Cruzes, juiz de Direito da 1.ª Vara Cível e professor titular de Direito Civil da Universidade de Mogi das Cruzes.

SUA BOA ESTRELA ESTÁ EM BOAS MÃOS.



A Caric dá a você um atendimento à altura da qualidade Mercedes Benz.

Uma completa linha de ônibus e caminhões, oferecidos a você em condições especiais de financiamento e acompanhados de uma sólida infra-estrutura de peças e assistência técnica.

A Caric responde com

rapidez às suas necessidades de reposição de componentes, em qualquer ponto da Grande São Paulo.

No momento de modernizar e ampliar sua frota, na aquisição de ônibus ou caminhões, venha primeiro à Caric.

Aqui, a sua boa estrela está em boas mãos.



CARIC

SUA BOA ESTRELA EM BOAS MÃOS.

Av. José Meloni, 998

Mogi das Cruzes - São Paulo

Tel. 469.7444

**Alô, Lucinda,
estamos ficando famosos!
Tem um repórter aqui querendo
fazer uma entrevista pra saber por
que a nossa família é doidinha
pela caderneta de poupança
da Nossa Caixa.
Que é que eu digo
pra ele?**

**Lúis Fernando, vai
dizendo pro repórter que
poupança é o melhor lugar pra
se colocar as economias domésticas.
O dinheiro que ela rende, garante
o colégio das crianças, os fins de
semana na casa da mamãe, o
meu cabeleireiro, as suas entradas
do futebol e uma porção de
outras coisas boas.
Aliás, Lúis Fernando, aproveitando
a oportunidade, eu vi um
vestido incrível na cidade,
que tal se você desse
uma olhada e...**

Governo
José Maria Marin



Trabalhando
para o povo.

**NOSSA
CAIXA**

A caderneta de poupança - onde a família deposita seus sonhos.